

IN: Andrey Cordeiro Ferreira (ed.), *Pensamento e Práticas Insurgentes: Anarquismo e Autonomias nos Levantes e Resistências do Capitalismo no Século XXI*, Alternativa Editora, Niterói, Brazil, pp. 119-158.

Fora das Sombras: a base de massas, a composição de classe e a influência popular do anarquismo e do sindicalismo

Lucien van der Walt

Traduzido por Ian Caetano de Oliveira¹

Este capítulo examina o caráter de classe e o impacto popular da ampla tradição anarquista, com foco no período entre os anos 1870 e 1950, estabelecendo alguns argumentos fundamentais². Ele demonstra que o anarquismo e o sindicalismo tiveram um significativo impacto na classe trabalhadora, sendo esta entendida de maneira ampla e incluindo trabalhadores assalaria-

-
- 1 Ian Caetano de Oliveira é estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e membro do Programa de Pesquisa sobre Ativismo e Movimentos Antirregime em Perspectiva Comparada/PROLUTA (proluta.blogspot.com.br). Email: ian_gyn@hotmail.com.
 - 2 O material aqui apresentado baseia-se em vários de meus trabalhos, dentre os quais se encontram: Lucien van der Walt, 2007, "Anarchism and Syndicalism in South Africa, 1904-1921: Rethinking the History of Labour and the Left," PhD, University of the Witwatersrand, especialmente o capítulo 2; 2011, "The Global History of Labour Radicalisms: The Importance of Anarchism and Revolutionary Syndicalism," nota para discurso em "Labour Beyond State, Nation, Race: Global Labour History as a New Paradigm," University of Kassel, Germany, 26 November; 2013, "Makhan Singh's (1914-1973) Legacy for Kenyan and African Trade Unions: Learning from the IWW, the Ghadar Party, and the East African Trade Union Congress," Makhan Singh Memorial Lecture, Nairobi, Kenya, 5 December; 2014, "One Great Union of Skilled and Unskilled Workers, South of the Zambezi: Garveyism, Liberalism and Revolutionary Syndicalism in the Industrial and Commercial Workers Union of Africa, 1919-1949," European Social Science History Conference, Vienna, Austria, 23-26 April; *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The Praxis of National Liberation, Internationalism, and Social Revolution* (2010/2014, Brill, com Steve Hirsch); e 2016, "Global Anarchism and Syndicalism: Theory, History, Resistance," *Anarchist Studies*, 24 (1): 85-106.

dos sem controle de seu próprio trabalho, suas famílias e desempregados. Um dos maiores indicadores desta influência é o papel que o anarquismo teve no movimento sindical: anarquistas e sindicalistas não somente foram relevantes em sua formação, mas o próprio sindicalismo tornou-se a principal ideologia das mais importantes federações sindicais em um significativo número de países do mundo todo.

A noção de que foi somente na Espanha que o anarquismo e o sindicalismo converteram-se em movimentos de massa é comprovadamente falsa, especialmente quando se faz referência aos países do mundo colonial e pós-colonial. Contrapondo esta tese da “excepcionalidade espanhola,” o anarquismo e o sindicalismo foram hegemônicos no movimento trabalhista na Argentina, no Brasil, no Chile, em Cuba, na França, no México, nos Países Baixos, no Peru, em Portugal e no Uruguai, desde meados dos anos 1890 até meados dos anos 1920.³

3 Alguns termos da tradução precisam de esclarecimento prévio. Ao longo do texto, a tradução de *worker* aparece, em determinadas situações, como “trabalhador” e, em outras, como “operário”, refletindo a intenção original do autor e a polissemia do termo em língua inglesa. Mantivemos também o uso de “movimento trabalhista” (*labour movement*), mas é importante observar que “trabalhismo”, em língua inglesa, tem o sentido de uma atividade feita pelos trabalhadores e não para os trabalhadores, como é usual em português. As categorias comuns na sociologia industrial, tais como “trabalhador qualificado”, “semiquilificado”, “não qualificado” e “semiprofissional”, indica posições na estrutura das relações de trabalho. De maneira geral, os trabalhadores não qualificados ocupavam a base da pirâmide da divisão do trabalho, ganhando menores salários. Os trabalhadores semiprofissionais, especialmente os professores e artistas, são, no período estudado, que vai do final do século XIX ao início do XX, indivíduos que sobrevivem apenas parcialmente do seu salário, obtendo outras fontes de rendimento não oriundas do exercício da sua profissão (muitas vezes rendas de propriedade, mas não necessariamente). Traduzimos *syndicalist unions* como “organizações sindicalistas”. Em português, sindicalismo tem um sentido amplo que na língua inglesa melhor corresponde ao *unionism*, enquanto *syndicalism* representa uma corrente específica do unionismo, uma corrente construída pelos anarquistas, de caráter radical e revolucionário. Para demarcar a diferença, empregamos “organizações sindicalistas” para indicar grupos integrantes da “ampla tradição anarquista”. A mesma lógica é aplicada na tradução do termo *syndicalist unionism*, que traduzimos como “associativismo sindicalista”, para designar um tipo específico de associativismo. Substituímos o termo “unionismo” por “associativismo”, pois é o que corresponde em português à ideia de uma união (no sentido de organização da sociedade civil). Por fim, traduzimos o termo *farmer* como “agricultor”, pois em português o termo fazendeiro (tradução literal) é normalmente aplicado a grandes proprietários de terras e quebra o sentido da construção original do autor que, ao empregá-lo, refere-se aos camponeses pobres ou médios. (N.T.)

Mesmo nas localidades em que o anarquismo e o sindicalismo constituíram correntes minoritárias, eles constantemente tiveram um papel relevante, tanto como bloco organizado quanto em termos de influência em círculos mais amplos. Mesmo onde esta tradição foi minoritária no movimento trabalhista organizado, ela exerceu uma importante influência nos trabalhadores e na esquerda em geral, especialmente em função da promoção de uma contracultura revolucionária. Por exemplo, na Itália, onde não houve organizações nacionais anarquistas ou sindicalistas desde a Primeira Internacional até 1912, o movimento anarquista e sindicalista, ainda assim, exerceu uma poderosa influência local, particularmente na região central da Itália⁴.

Os trabalhadores que constituíram a maior parte das organizações sindicalistas não eram, como algumas vezes foi afirmado, trabalhadores qualificados de pequenas oficinas à margem da indústria moderna; eram, ao contrário, trabalhadores manuais da mineração, das manufaturas, dos transportes e da agricultura. Trabalhadores manuais qualificados, funcionários administrativos e profissionais liberais, sem dúvida estiveram presentes, mas constituíram uma minoria dentro dos batalhões do movimento sindical.

Apesar do estereótipo popular, a influência anarquista entre os camponeses foi modesta, se comparada com sua influência entre a classe trabalhadora moderna. Movimentos anarquistas massivos de camponeses – sendo estes últimos, aqui, entendidos como os pequenos agricultores que dependem do trabalho familiar e que se encontram subordinados a propriedades ou senhores – certamente existiram na Ásia (Coreia/Manchúria), na Europa (Ucrânia e Espanha) e na América Latina (México). Houve também inúmeras iniciativas organizativas locais deste tipo.

Os movimentos camponeses anarquistas de larga escala foram inco-muns e, em geral, tiveram curta duração. Eles tenderam a emergir somente em circunstâncias históricas bem específicas, que envolveram pressões relacionadas à terra, reestruturação das relações de classe, impacto dos estímulos externos e papel de estruturas de militância anarquista nos povoados. Em termos gerais, os principais avanços do movimento anarquista histórico nos campos deram-se, não com os camponeses, mas com os trabalhadores assalariados rurais das fazendas e florestais.

O anarquismo também teve uma influência importante na *intelligentsia* ou, ao menos, em intelectuais “tradicionais”, que tiveram um alto nível de educação em instituições como as universidades. Sem dúvida, esta camada foi relevante para o movimento anarquista e sindicalista, embora sempre tenha constituído uma pequena minoria, tanto em relação à *intelligentsia* em

4 C. Levy, 1989, “Italian Anarchism, 1870-1926,” D. Goodway, (org.), *For Anarchism: History, Theory and Practice*, Routledge, 34-35.

geral, quanto em relação ao próprio movimento. Deve-se mencionar aqui a importância dos intelectuais “orgânicos” da classe trabalhadora e do campesinato na conformação do anarquismo e do sindicalismo, na articulação e na disseminação das ideias anarquistas e sindicalistas e no desenvolvimento das doutrinas, dos temas e das teorias do movimento.

É, ainda, relevante considerar um último indicador da influência do movimento anarquista e sindicalista: determinados movimentos populares aproximaram-se do anarquismo e do sindicalismo, mas os combinaram, de modo distinto e inovador, com outras ideias e abordagens, criando abordagens únicas e nem sempre coerentes. Exemplos destes movimentos “sincréticos” incluem: o Partido Ghadar (fundado em 1913, visando a independência da Índia); os zapatistas de Morelos, no México dos anos 1910, reunidos em torno de Emiliano Zapata (1879-1919); o Industrial and Commercial Workers Union of Africa (Sindicato de Trabalhadores Industriais e Comerciais da África, ICU), na África do Sul e no sul da Rodésia (agora Zimbábue), dos anos 1910 aos anos 1950; o movimento de Augusto César Sandino (1895-1934), líder do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua (EDSNN), organização camponesa formada em 1927. O ICU espalhou-se pela África Austral nas décadas de 1920 e 1930; sua ideologia foi influenciada pelo sindicalismo do Industrial Workers of the World (IWW)⁵ e seu apoio foi amplamente conquistado entre trabalhadores do campo e camponeses. Por estes movimentos “sincréticos”, a ampla tradição anarquista marcou profundamente as vidas de milhões de pessoas simples.

ANARQUISMO E SINDICALISMO NA LITERATURA

O anarquismo e o sindicalismo escassamente aparecem em muitas das pesquisas que abordam os movimentos revolucionários, de esquerda, da classe trabalhadora e do campesinato. A *magnum opus* de Chris Harman, *A People's History of the World* [História Popular do Mundo] reduziu a história da esquerda global à socialdemocracia e ao marxismo; apenas 20 das 729 páginas mencionam a ampla tradição anarquista e a única discussão substancial tem como foco a Espanha do fim dos anos 1930⁶. Em *Forging Democracy: The History of the Left in Europe, 1850-2000* [Estabelecendo a Democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000], de Geoff Eley, esta tradição foi mencionada em 22 das 722 páginas, e também de passagem; ela foi descartada por estar em descompasso com o presente, por constituir uma corrente “permanen-

5 Sindicato de origem estadunidense fundado em 1905. Apesar da origem localizada, a organização tem caráter internacionalista. (N.T.)

6 C. Harman, 1999, *A People's History of the World*, London: Bookmarks, 400, 402, 407, 436-37, 500-09, 665.

temente marginalizada e ineficaz, exceto em partes da Itália e da Espanha”⁷.

A noção de que a ampla tradição anarquista, em toda parte, “não foi mais do que uma atração das minorias,” com exceção da Espanha, e que foi somente neste país que ela tornou-se “um grande movimento social” capaz de “ameaçar o Estado”⁸, é bastante defendida. Ela levou à produção de toda uma literatura que buscou explicar esta aparente anomalia: Por que a Espanha? Várias respostas foram apresentadas⁹, dentre elas, a de que a Espanha era um país economicamente atrasado da “franja feudal da Europa”¹⁰, no qual a fracassada modernização, o atraso e o isolamento relativo do mundo moderno supostamente teriam criado as condições para o desenvolvimento do anarquismo¹¹. Em anos mais recentes, tais assertivas ganharam uma aura de respeitabilidade, em função da análise do anarquismo espanhol feita por Hobsbawm, que retratou os anarquistas como “rebeldes primitivos” envolvidos em uma revolta quase religiosa contra o mundo moderno, conformando um movimento irracional, utópico e, ao mesmo tempo, condenado¹². Esta análise conta com todos os clichês: o anarquismo foi uma revolta milenar contra a modernidade, baseou-se em forças sociais em decadência e caracterizou-se por ser inútil e incoerente.

Tais clichês, entretanto, possuem raízes profundas num certo tipo de marxismo, que procurou apresentar o anarquismo e o sindicalismo como expressões de forças de classe não proletárias –especialmente de forças de classe que, de acordo com a visão marxista do desenvolvimento histórico, constituem detritos abandonados na esteira do avanço capitalista ou forças de classe reacionárias, pertencentes a um passado pré-capitalista em decadência. Para Marx e Engels, a base de classe do anarquismo encontrava-se entre os intelectuais pequeno-burgueses “frustrados” ou arruinados e os aldeões

7 G. Eley, 2002, *Forging Democracy: The History of the Left in Europe, 1850-2000*, New York: Oxford University Press, 26, 39, 43, 62, 64-65, 72-73, 85-87, 95-97, 111, 273-74, 320, 351, 418, 424, 494.

8 P. Marshall, 1994, *Demanding the Impossible: A History of Anarchism*, Fontana, 453. Ver também: M.M. Breitbart, 1979, “Spanish Anarchism: An Introductory Essay,” *Antipode*, 10/ 11 (3/ 1): 1; R. Kedward, 1971, *The Anarchists: The Men who Shocked an Era*, New York: Library of the Twentieth Century, 120.

9 Uma visão geral pode ser encontrada em: J. Romero Maura, 1971, “The Spanish Case”, D. Apter e J. Joll, (orgs.), *Anarchism Today*, Macmillan.

10 Kedward, *The Anarchists*, 5.

11 E. Hobsbawm, 1993, *Revolutionaries*, Abacus, capítulo 8.

12 E. Hobsbawm, 1971, *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries*, Manchester University Press.

isolados¹³. Para Lênin, em 1918, “o anarquismo e o anarcossindicalismo eram tendências *burguesas* [...] irreconciliavelmente opostas [...] ao socialismo, à ditadura do proletariado e ao comunismo”¹⁴. Bukharin descreveu o anarquismo como o socialismo do lumpemproletariado¹⁵. Contudo, foi mais comum entre os marxistas clássicos o retrato do anarquismo como um movimento pequeno-burguês; o anarquismo seria a teoria dos movimentos camponeses anticapitalistas e antiestatistas e o anarcossindicalismo uma “expressão ideológica pequeno-burguesa, produzida por trabalhadores de pequenas fábricas e de oficinas de artesanato,” que existem “isolados das companhias de amplas massas, sem o menor contato com as indústrias médias e de larga-escala”¹⁶.

E. Yaroslavsky combinou estas várias alegações, argumentando que os camponeses nasciam anarquistas e, ainda, que os anarquistas eram recrutados entre “os descendentes da pequena burguesia arruinada, os intelectuais pequeno burgueses, o lumpemproletariado e, em alguns casos, entre verdadeiros criminosos”¹⁷. Subsidiando todas estas argumentações em certo sentido inconsistentes sobre o caráter de classe do anarquismo e do sindicalismo, está a clássica presunção marxista, de que é somente ele que representa a autêntica ideologia da revolução proletária: por definição, todas as outras ideias *devem ser obrigatoriamente* não proletárias em essência.

Este capítulo questiona tais afirmações e sugere que esses pesquisadores subestimaram seriamente a enorme influência popular da ampla tradição anarquista; eles não compreenderam que sua base se desenvolveu principalmente entre a classe trabalhadora. Contrariando a visão de que movimento anarquista constituía uma revolta das classes amaldiçoadas pela modernidade, um movimento “reacionário” e “pequeno burguês” de artesãos e camponeses arruinados, que encaravam o anarquismo como uma religião secular utópica que prometia a salvação ante a modernidade, sustento que este mo-

13 F. Engels [1877] 1972, “In Italy,” *Marx, Engels, Lenin: Anarchism and Anarcho-sindicalism*, Moscow: Progress Publishers, 155-6,159.

14 V.I. Lenin, [1918] 1975, “The Immediate Tasks of the Soviet Government,” *Selected Works in Three Volumes*, Moscow: Progress Publishers, 599, grifos no original.

15 “*Socialismo lumpenproletário (anarquismo)* ... Eles não representam, para a maior parte, os interesses e as aspirações da classe trabalhadora; eles representam aqueles que denominados o lumpemproletariado, o proletariado-vadio; eles representam os interesses daqueles que vivem em más condições sob o capitalismo, mas que são algo incapazes no trabalho criativo independente”; N. Bukharin, [1922] 1966, *The ABC of Communism*, University of Michigan Press/ Ambassador Books, 77-78.

16 Astrogildo Pereira, citado em E.A. Gordon, 1978, “Anarchism in Brazil: Theory and Practice, 1890-1920,” PhD diss., Tulane University, 33.

17 E. Yaroslavsky, [? 1937], *History of Anarchism in Russia*, Lawrence & Wishart, 26, 28, 41, 68-69.

vimento estabeleceu-se primeira e principalmente entre a classe trabalhadora urbana, seguida pelos trabalhadores do campo e, então, pelo campesinato¹⁸.

Ademais, no “período glorioso,” entre os anos 1890 e 1920, o apelo do sindicalismo foi particularmente acentuado entre os trabalhadores afetados pela segunda revolução industrial iniciada na década de 1890, a qual envolveu o crescimento das indústrias químicas e elétricas, juntamente com a expansão das técnicas de produção de massa tayloristas e fordistas; entre o campesinato, na maior parte dos casos o anarquismo florescia onde o capitalismo – ou a intrusão imperialista, ou a formação do Estado – rompia as relações tradicionais agrárias. Há uma importante história de camponeses que foram recrutados em organizações sindicalistas e pelo trabalho de base anarquista em importantes áreas camponesas.

Embora seja bastante enfatizado que há uma espécie de afinidade especial entre o anarquismo e as culturas e interesses camponeses¹⁹, conforme apontado, revoltas ou movimentos camponeses anarquistas amplos e duradouros são mais raros, se comparados ao movimento operário anarquista. Tal relação entre o anarquismo e o campesinato tem sido muito obscurecida, em função dos escritores que classificam diversas classes populares rurais como camponesas (utilizo o termo camponês, aqui, no estrito sentido de pequenos agricultores familiares). Isso tem feito com que os trabalhadores sem-terra anarquistas e sindicalistas, assim como outros trabalhadores rurais, sejam categorizados como camponeses anarquistas.

CLASSE TRABALHADORA DO MUNDO: ANALISANDO O SINDICALISMO GLOBALMENTE

Uma perspectiva global da história do anarquismo e do sindicalismo fornece um importante corretivo ao argumento da excepcionalidade espanhola – de que foi somente na Espanha, em função de razões peculiares, que o anarquismo e o sindicalismo tornaram-se potentes movimentos de massa –, pois permite conhecer uma série de movimentos de massa anarquistas e sindicalistas fora da Espanha.

A Federación Obrera Argentina (FOA)²⁰, fundada em 1901, esteve sob controle dos anarquistas e, em 1904, foi transformada na Federación Obrera Regional Argentina (FORA)²¹ anarquista, inquestionavelmente o centro

18 Yaroslavsky, *History of Anarchism in Russia*, 26, 28, 41, 68-69

19 P. E. B. McCoy, 1972, “Social Anarchism: An Atavistic Ideology of the Peasant,” *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*, 14 (2): 133-149.

20 Organização de trabalhadores argentinos fundada em 1901. (N.T.)

21 Nome adotado pela anterior FOA a partir de seu quarto congresso em 1904. (N.T.)

do movimento operário do país. Uma central rival menor e mais moderada, controlada pelos socialistas políticos, a Unión General de Trabajadores (UGT)²², foi logo reestruturada na Confederación Obrera Regional Argentina (CORA)²³, sindicalista revolucionária, em 1909, que foi mais tarde absorvida pela FORA anarquista, precipitando a cisão entre uma Federación Obrera Regional Argentina do quinto congresso (FORA-V)²⁴ “anarquista-comunista” linha dura, e a Federación Obrera Regional Argentina do nono congresso (FORA-IX)²⁵ de um sindicalismo mais convencional.

O impacto das influências anarquistas e sindicalistas nas organizações sindicais da Argentina tem sido disputado por autores que apontam fragmentação e enfraquecimento sindical, e autores que sublinham as atividades sindicais cotidianas focadas majoritariamente em objetivos pragmáticos como aumentos salariais²⁶. Perde-se de vista, contudo, que os grandes batalhões do movimento trabalhista eram todos dominados pelo anarquismo e pelo sindicalismo, e que militantes do sindicalismo bem sucedidos sempre se mobilizaram em torno tanto de questões imediatas quanto de objetivos revolucionários. A Argentina é um caso em que a influência anarquista e sindicalista era tão substancial que as principais divisões no trabalhismo organizado centraram-se nas táticas internas da ampla tradição anarquista, mais do que nas questões que dividiam anarquistas e sindicalistas, de um lado, e outras tradições sindicais, de outro.

Se a Argentina constitui um grande exemplo, isso não significa de forma alguma que ela conformava a única instância de massas anarquista ou sindicalista na região. No Brasil, a Confederação Operária Brasileira (COB)²⁷ era anarquista desde sua concepção; esta era a principal central operária e, até a década de 1920, a maioria dos sindicatos brasileiros permaneceram sindicalistas revolucionários em sua orientação²⁸. A Federación Obrera Regional

22 Central sindical argentina fundada em 1902. (N.T.)

23 Central sindical argentina fundada em 1909; originada da fusão da anterior UGT com outros sindicatos autônomos. (N.T.)

24 Federação trabalhista dissidente da anterior FORA, fundou-se em 1915. (N.T.)

25 Federação trabalhista originária da cisão da anterior FORA, fundou-se em 1915 (N.T.)

26 R. Thompson, 1984, “The Limitations of Ideology in the Early Argentinian Labour Movement: Anarchism in the Trade Unions, 1890-1920,” *Journal of Latin American Studies*, 16 (1): 81-99.

27 Criada em 1906. (N.T.)

28 Gordon, “Anarchism in Brazil,” 155-63; P. Avrich, 1988, *Anarchist Portraits*, Princeton University Press, 255.

Uruguaya (FORU)²⁹ também foi uma das principais federações sindicais e adotou um programa anarquista desde seu início. Anarquistas eram as principais figuras nos primórdios do movimento trabalhista mexicano das décadas de 1870 e 1880 no Congreso Geral de Trabajadores Mexicanos, e em seus sucessores do século XX, a Casa del Obrero Mundial e a Confederación Geral do Trabalho (CGT), que eram também as principais centrais; o maior corpo sindical fora destas centrais era o IWW mexicano, especialmente forte na crescente indústria petrolífera³⁰. No Peru, os anarquistas formaram os primeiros sindicatos e organizaram a central sindical nacional, a Federación Obrera Regional del Peru (FORPe)³¹, organização sindicalista fundada em 1919.

Desde a década de 1880, os anarquistas cubanos defenderam a criação de um sindicato nas linhas da Federación Regional Española (FORE, fundada em 1870, a maior seção da Primeira Internacional), com sucessos que incluem a Junta Central de Artesanos, o Círculo de Trabajadores de Havana, a Federación dos Trabajadores do Tabaco e a Alianza Obrera, seguidas pela Central de Trabajadores de Cuba (CTC)³², fundada em 1895³³. Apesar da aparente desintegração da CTC após a independência, os anarquistas continuaram a desempenhar papéis centrais em greves e outras lutas trabalhistas, ajudando a formar a Federación Obrera de la Habana em 1921, seguida, em 1925, pela Confederación Nacional Obrera de Cuba (CNOC)³⁴, na qual eles foram hegemônicos por anos³⁵. Durante a erupção da Revolução Cubana em 1952, os militantes anarquistas desempenharam um papel destacado, tanto em sindicatos legais quanto clandestinos.

No Chile, os anarquistas, que já eram uma força substancial no movimento trabalhista na virada do século XX, formaram a Federación de Trabajadores de Chile, em 1906. Esta organização foi seguida, em 1913, pela Fede-

29 Fundada em 1905. (N.T.)

30 N. Caulfield, 1995, "Wobblies and Mexican Workers in Petroleum, 1905-1924," *International Review of Social History*, 40: 51-75.

31 Organização sindical. (N.T.)

32 Organização sindical cubana. (N.T.)

33 J. Casanovas, 1994, "Labour and Colonialism in Cuba in the Second Half of the Nineteenth-Century," PhD diss., State University of New York, especialmente capítulos 6-9.

34 Central proletária cubana. (N.T.)

35 Ver K.R Shaffer, 1998, "Purifying the Environment for the Coming New Dawn: Anarchism and Counter-cultural Politics in Cuba, 1898-1925," PhD diss., University of Kansas, especialmente capítulos 1, 4, 7 e 8.

ración Obrera Regional Chile (FORCh)³⁶, sindicalista. Ambas as federações não conseguiram adquirir proporções verdadeiramente nacionais, mas eram a principal força do movimento trabalhista, e o anarquismo e o sindicalismo tiveram uma grande influência em outros sindicatos; por volta desta época, o IWW chileno controlava as docas e tinha um significativo papel entre os marinheiros³⁷. No Japão, os sindicalistas que estavam em torno do sindicato dos tipógrafos de *Shinyukai*, do círculo *Rōdō Undō* [Movimento Operário], do sindicato de jornalistas de *Seishinkai* e de outros grupos desempenharam inicialmente um importante papel na federação de Sodomei. Na China, onde os anarquistas e os sindicalistas fundaram os primeiros sindicatos operários modernos, havia pelo menos 40 sindicatos liderados por anarquistas no Cantão em 1921, e a “hegemonia anarquista” dos sindicatos no Cantão e em Hunan durou até meados de 1920; houve ainda significativa influência sindical anarquista em Shanghai durante muitos anos³⁸.

Esse enfoque global mostra que houve vários movimentos de massa anarquistas e sindicalistas fora da Espanha. A citada tese da excepcionalidade espanhola surge, na realidade, a partir de algumas referências comparativas: Europa Ocidental e Estados Unidos são o foco da análise e é em contraposição a outros movimentos nestas áreas que o anarquismo espanhol é mensurado. Movimentos em outras partes do mundo – África, Ásia, Caribe, Oriente Médio e América Latina – não são realmente levados em conta. Seria muito generoso referir-se a esta perspectiva como eurocêntrica, pois ela ignorou, inclusive, a Europa Oriental.

Essa ideia da excepcionalidade espanhola não dá atenção suficiente mesmo a vários casos importantes dentro da própria Europa Ocidental. Na França do início do século XX, a Confederação Geral do Trabalho (CGT), sindicalista revolucionária, era a única central trabalhista e abarcava todos os principais sindicatos. Nos Países Baixos, a Nationaal Arbeids-Secretariaat (Secretaria Nacional do Trabalho, NAS), com uma plataforma sindicalista revolucionária, era a “mais ativa e influente organização entre os sindicatos holandeses” de 1893 a 1903³⁹. Esta era a maior das várias centrais sindicais holandesas e atingiu seu ápice com nove mil membros. Em Portugal, a

36 Organização sindical chilena. (N.T.)

37 P. de Shazo, 1983, *Urban Workers and Labour Unions in Chile 1902-1927*, University of Wisconsin Press, 24, 76, 91-117, 129-41, 146-74, 180-88, 194-210.

38 A. Dirlik, 1991, *Anarchism in the Chinese Revolution*, University of California Press, 15, 27, 170; A. Dirlik, 1989, *The Origins of Chinese Communism*, Oxford University Press, 214-15

39 G. Woodcock, 1975, *Anarchism: A History of Libertarian Ideas and Movements*, Penguin, 413.

Confederação Geral do Trabalho (CGT)⁴⁰, que derivou da União Operária Nacional (UON)⁴¹, ela mesma estando eventualmente sob controle dos anarquistas, era a única central trabalhista entre 1919 e 1924⁴².

Se utilizarmos o critério, um pouco limitado, de influência no movimento sindical para aferir a influência da ampla tradição anarquista sobre a classe trabalhadora, Argentina, Brasil, Chile, Cuba, França, México, Peru, Portugal e Uruguai são países em que o anarquismo e o sindicalismo foram a força política predominante entre os trabalhadores organizados; os Países Baixos constituem um caso de influência central também. Além disso, é possível argumentar que estes movimentos foram, quando considerados em relação ao movimento sindical como um todo, *maiores* que a Confederación Nacional del Trabajo (CNT)⁴³ espanhola: enquanto a CNT espanhola representava apenas metade dos trabalhadores sindicalizados (a moderada Unión General de Trabajadores, UGT⁴⁴, representava a outra metade), os movimentos anarquistas e sindicalistas da Argentina, do Brasil, do Chile, de Cuba, da França, do México, do Peru e de Portugal representavam quase a totalidade do movimento sindical.

Contudo, em termos *numéricos*, a CNT espanhola, que tinha 1,7 milhão de membros à época do congresso de Zaragoza, em maio de 1936, foi a maior organização sindicalista já vista⁴⁵. Em termos *relativos*, quando se compara esta organização com o tamanho da classe trabalhadora e com a estrutura do movimento sindical, esta não foi de modo algum a maior das organizações sindicalistas. Na verdade, ela foi relativamente menor que suas predecessoras espanholas, a FORE, a Federación de Trabajadores de la Región Española (FTRE)⁴⁶ e o Pacto de União e Solidariedade, que não conviveram com centrais sindicais concorrentes; mesmo com 1,7 milhão de membros, a CNT, frente a uma UGT igualmente grande, era relativamente menor que a CGT portuguesa, que tinha aproximadamente 100 mil membros, mas sem sin-

40 Criada a partir das deliberações do 2º Congresso Operário Nacional de 1919. (N.T.)

41 Construída em março de 1914, a partir do Congresso de Tomar. (N.T.)

42 Para visões gerais, ver J. Freire, 2001, *Freedom Fighters: Anarchist Intellectuals, Workers, Soldiers in Portugal's History*, Montréal: Black Rose; B. Bayerlein e M. van der Linden, 1990, "Revolutionary Syndicalism in Portugal," M. van der Linden e W. Thorpe, (orgs.), *Revolutionary Syndicalism: An International Perspective*, Scholar / Gower.

43 Confederação de sindicatos autônomos, fundada em 1910. (N.T.)

44 Fundada em 1888, partilhando origem histórica com o Partido Socialista Operário Espanhol. (N.T.)

45 V. Richards, 1983, *Lessons of the Spanish Revolution*, London: Freedom Press, 163.

46 Organização anarquista fundada no Congreso Obrero de Barcelona, em 1881. (N.T.)

dicatos rivais. As noções de que “o anarquismo esteve fora dos principais eventos,” e de que em “nenhuma classe, ou agrupamento econômico, fora da Espanha, o anarquismo era regra,” é simplesmente incorreta.⁴⁷ A história do trabalho e da esquerda em muitas partes do mundo não pode ser adequadamente compreendida se suas correntes anarquistas e sindicalistas forem ignoradas ou tratadas como insignificantes.

O IMPACTO E A IMPORTÂNCIA DAS CORRENTES ANARQUISTAS E SINDICALISTAS MINORITÁRIAS

Mesmo onde a ampla tradição anarquista foi menos influente que o unionismo ortodoxo ou que o socialismo político, seu impacto foi ainda assim considerável; um status minoritário não deve ser confundido com insignificância. Algumas das organizações sindicalistas minoritárias eram extremamente grandes, ao menos em termos numéricos; a Unione Italiana Sindicale (USI)⁴⁸ italiana contava com 800 mil filiados em 1920, expressamente metade do tamanho da dominante Confederazione Generale di Lavoro (CGL)⁴⁹; a Freie Arbeiter Union Deutschlands (União Livre de Trabalhadores da Alemanha, FAUD)⁵⁰ germânica, sempre foi ofuscada pelos sindicatos ligados ao Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata da Alemanha, SPD)⁵¹, mas com possivelmente 150 mil membros, ela pode ser legitimamente considerada como um movimento de massa⁵². No Japão do entreguerras o sindicalismo revolucionário não era, de forma alguma, insignificante. A *Nihon roo Sodomei* (abreviada *Sodomei*)⁵³, o maior sindicato de trabalhadores, rachou em 1925. Este reteve 20 mil membros, sendo que a dissidência, de liderança comunista, *Nihon Rodo Kumiai Hyogikai* tinha 12,5 mil membros e a anarcossindicalista *Zenkoku Jiren*, fundada no ano seguinte, tinha 15 mil membros⁵⁴.

47 Kedward, *The Anarchists*, 28, 117-18.

48 Criada em 1912 a partir da dissidência com a Confederazione Generale di Lavoro (CGL), rompimento em defesa do sindicalismo de inspiração anarquista. (N.T.)

49 Organização centralista criada em 1906. (N.T.)

50 Sindicato anarcossindicalista surgida em 1919. (N.T.)

51 Fundado em 1875. (N.T.)

52 G. Williams, 1975, *A Proletarian Order: Antonio Gramsci, Factory Councils and the Origins of Italian Communism 1911-21*, Pluto Press, 194-95; W. Thorpe, 2000, “Keeping the Faith: the German Syndicalists in the First World War,” *Central European History*, 33 (2): 18, 18n76.

53 Fundada em 1918. (N.T.)

54 J. Crump, 1993, *Hatta Shuzo and Pure Anarchism in Interwar Japan*, St. Martin's Press, 42, 78.

Além disso, dever-se tomar o cuidado de não medir a influência anarquista e sindicalista puramente em termos do número de membros nas organizações sindicais. Como as grandes formações unitárias estabelecidas pela ampla tradição anarquista, as organizações sindicais e as federações sindicais indubitavelmente fornecem uma indicação crucial de força, mas apenas uma indicação imperfeita. Uma avaliação puramente numérica do movimento não capta elementos suficientes do anarquismo e do sindicalismo nos termos de uma contracultura proletária radical, que teve um impacto muito além das fronteiras das estruturas formais do movimento, além de ignorar movimentos fora do local de trabalho. Tratarei da questão dos movimentos camponeses anarquistas adiante.

A Itália nos oferece um importante exemplo da necessidade de levar em conta o impacto cultural e informal da ampla tradição anarquista. A ausência de uma organização nacional anarquista ou sindicalista dos tempos da Primeira Internacional até o surgimento do USI em 1912 é facilmente interpretada como um indicador da insignificância da ampla tradição anarquista. Tal abordagem vem da tradição da “Velha História do Trabalho”, com sua ênfase nas organizações formais e nas lideranças. A “Nova História do Trabalho,” que enfatiza a história social das classes populares e a necessidade de se examinar os movimentos de baixo para cima, oferece uma correção necessária a essas perspectivas, por sua atenção direta às formas culturais e às organizações informais⁵⁵.

Usando uma abordagem da história social, o trabalho pioneiro de Carl Levy sobre o anarquismo italiano sugere que o movimento teve um grande impacto na cultura da classe trabalhadora e da esquerda em nível local, fornecendo-lhe muito de suas linguagens, símbolos e táticas, enquanto influenciava as seções do PSE e da CGL⁵⁶. Acadêmicos marxistas têm tendido a enaltecer o papel de figuras como Gramsci nas agitações populares que abalaram a Itália na década de 1910, tais como a Semana Vermelha insurrecional e o *biennio rosso* [biênio vermelho] de 1919-1920, culminando no movimento de ocupações de fábricas de 1920 que envolveu centenas de milhares de trabalhadores. Um escritor chega a descrever Gramsci como o líder do movimento de ocupações de fábricas e o “mais capaz dos revolucionários de Turim”⁵⁷.

55 M. van der Linden, 1999, “Transnationalising American Labor History,” *Journal of American History*, 86 (3): 1078-1092.

56 Levy, “Italian Anarchism”, 26, 29-30, 34-35, 44-45, 49.

57 “Sob a liderança de Gramsci os trabalhadores em Turin empreenderam em construir um movimento conselhistas de trabalhadores... um experimento no ‘puro’ socialismo conselhistas”; D. Gluckstein, 1985, *The Western Soviets: Workers’ Councils*

Como Levy demonstra, contudo, a Semana Vermelha emergiu de uma greve geral liderada pelos anarquistas e pela USI, e mostrou a habilidade do amplo movimento anarquista para crescer de modo extremamente rápido. Ele adiciona que o Gramsci de 1920 não era de modo algum leninista; suas visões eram próximas do anarquismo, as principais figuras de seu círculo que se agrupavam em torno do quinzenal *L'Ordine nuovo* [Nova Ordem] eram anarquistas, e suas ideias, à época libertárias, tinham apelo precisamente por sua ressonância com a cultura popular italiana⁵⁸. Deve-se adicionar a isso que os anarquistas e os sindicalistas revolucionários foram considerados os “mais consistentes e totalmente revolucionários grupos da esquerda” em 1920⁵⁹. De fato, o *ordinovisti* de Gramsci era um “pequeno grupo de socialistas selecionados ao longo de vários meses” em Turim, e o jornal deles era quinzenal e com circulação de 5 mil cópias⁶⁰. Em contraste, a USI aproximava-se da casa de 1 milhão de membros, a União Anarquista Italiana (UAI), fundada em 1912, estava crescendo rápido como organização nacional, e o periódico anarquista de Malatesta *Umanita Nova* [Nova Humanidade] tinha tiragem de 50 mil cópias em seu ápice.

A atração do sindicalismo por parte de figuras como Connolly, De Leon e Haywood também trouxeram diversos desafios importantes às visões existentes sobre a história anarquista. É tentador, embora equivocado, assumir que a Segunda Internacional foi nada mais que um posto avançado do socialismo político. A relação entre a ampla tradição anarquista e este agrupamento é vista em termos simplórios: com o retorno ao anarquismo de massas, um significativo número de anarquistas e de sindicalistas revolucionários compareceram aos primeiros congressos desta associação, mas foram expulsos em 1891, e então excluídos, por mudanças nas regras em 1893 e 1896; porta-vozes anarquistas foram fisicamente atacados no congresso de 1896. Em muitos estudos, este é o fim da história, sem “qualquer questão posterior de união” entre socialistas libertários e políticos, e sem “qualquer tentativa posterior” por parte de anarquistas e sindicalistas “de invadir a Segunda Internacional”⁶¹.

Entretanto, meus estudos sugerem algo diferente. As correntes sindicalistas continuaram a surgir em muitos dos partidos da Segunda Internacional durante o século XX. Exemplos incluem: a facção sindicalista no Partito

versus Parliament, 1915-1920, London: Bookmarks, 162.

58 Levy, “Italian Anarchism,” 54-58, 61, 70-71.

59 Williams, *A Proletarian Order*, 194-95.

60 Gluckstein, *The Western Soviets*, 239.

61 Woodcock, *Anarchism*, 248.

Socialista Italiano (PSI)⁶² na Itália, o IWW no Socialist Party of America (Partido Socialista da América, SPA)⁶³ nos Estados Unidos, a transformação do SLP em um grupo sindicalista, a evolução da CORA na Argentina para uma organização sindicalista. A CGT francesa também era afiliada ao braço sindical da Internacional. Kotoku, fundador do Partido Social Democrata no Japão, tornou-se uma figura anarquista central japonesa; ele foi apenas um de uma série de anarquistas japoneses proeminentes que vieram da social democracia ou do marxismo clássico. O Partido Trabalhista Independente irlandês chegou até a adotar uma plataforma sindicalista⁶⁴. Seções do Partido Socialista australiano defenderam o IWW⁶⁵. Os socialistas políticos tiveram de promover uma contínua batalha para manter tais correntes fora da Internacional e de seus organismos afiliados; esta batalha certamente não foi ganha em 1896. Foi apenas no Congresso Sindicalista Internacional de 1913 em Londres, que objetivava a criação de uma nova Internacional, que se assinalou a ruptura final com a Segunda Internacional.

O CARÁTER DE CLASSE E O CONTEXTO DAS ORGANIZAÇÕES SINDICALISTAS

O caráter de classe das maiores organizações formadas pela ampla tradição anarquista, as organizações sindicalistas, rapidamente demonstram o equívoco de determinados argumentos que foram anteriormente apresentados.

Dois grupos eram particularmente bem representados no sindicalismo a partir da década de 1890: primeiro, os trabalhadores sazonais e temporários, como os trabalhadores da construção, os estivadores, os trabalhadores do campo, os marinheiros e os trabalhadores dos setores de combustível, que viviam marcados pela instabilidade, pela frequente mudança de emprego e pela mobilidade na busca de trabalho; em segundo lugar, os trabalhadores do setor elétrico e da indústria pesada, tais como trabalhadores fabris, mineiros e trabalhadores do setor ferroviário⁶⁶. Além destas categorias, havia tam-

62 Partido de linha marxista fundado em 1892. (N.T.)

63 Partido de orientação socialista-democrática fundado em 1901. (N.T.)

64 B. Ransome, 1980, *Connolly's Marxism*, Pluto Press, 67-68; ver também K. Allen, 1987, *The Politics of James Connolly*, Pluto Press, 106-13.

65 V. Burgmann, 1995, *Revolutionary Industrial Unionism: The IWW in Australia*, Cambridge University Press, 35, 44, 83.

66 Ver M. van der Linden e W. Thorpe, 1990, "The Rise and Fall of Revolutionary Syndicalism," van der Linden e Thorpe, (orgs.), *Revolutionary Syndicalism*, 7-12; L. Peterson, 1983, "The One Big Union in International Perspective: Revolutionary Industrial Unionism, 1900-1925," J. E. Cronin e C. Sirianni, *Work, Community, and Power: The Experiences of Labor in Europe and America*, Temple University Press, 68-

bém, nas organizações sindicalistas, pequenas quantidades de trabalhadores e profissionais liberais, marcadamente jornalistas, professores, enfermeiros e médicos.

Casos nacionais demonstram consistentemente esta tendência. Na Alemanha, a Freie Vereinigung deutscher Gewerkschaften [Associação Livre dos Sindicatos Germânicos, FVdG]⁶⁷ era largamente baseada em trabalhadores do setor da construção, enquanto a FAUD era predominantemente baseada em trabalhadores da indústria metalúrgica e das minas da região de Ruhr⁶⁸. Na Grã-Bretanha, incluindo a Irlanda, o sindicalismo também pareceu ter uma ressonância particular entre os trabalhadores da construção, metalúrgicos, mineiros e trabalhadores dos transportes⁶⁹. No Peru, para dar outro exemplo, o anarquismo e sindicalismo estavam principalmente baseados nos “trabalhadores fabris semiqualeificados que defendiam ações coletivas pragmáticas”⁷⁰. O sindicalismo mexicano teve significativo apoio dos trabalhadores qualificados de pequenas unidades produtivas, mas também teve uma base de massas entre os trabalhadores fabris (notavelmente do setor têxtil), os trabalhadores petroleiros e mineiros⁷¹. Na África do Sul, as pequenas organizações sindicalistas dos anos 1910 eram majoritariamente compostas de trabalhadores de cor semiqualeificados e não-qualificados, trabalhadores das manufaturas e do setor de serviços, tais como estivadores, trabalhadores do setor de vestuário das grandes *sweatshops*⁷² e trabalhadores das fábricas de processamento de alimentos⁷³.

75. Ver também M. Davis, 1984, “The Stop Watch and the Wooden Shoe: Scientific Management and the Industrial Workers of the World,” J. Green, (org.), *Workers’ Struggles, Past and Present: A Radical America Reader*, Temple University Press.

67 Organização sindical fundada em 1897. (N.T.)

68 H. M. Bock, 1990, “Anarchosyndicalism in the German Labour Movement: A Rediscovered Minority Tradition,” van der Linden e Thorpe, (orgs.), *Revolutionary Syndicalism*, 67-70.

69 Ver, por exemplo, J. White, “Syndicalism in a Mature Industrial Setting: The Case of Britain,” van der Linden e Thorpe, (orgs.), *Revolutionary Syndicalism*, 105-08.

70 S.J. Hirsch, 1997, “The Anarcho-Syndicalist Roots of a Multi-Class Alliance: Organised Labour and the Peruvian Aprista Party, 1900-1933,” PhD diss., George Washington University, 13, 15, 27, 30, 34, 47, 59, 169.

71 J. Hart, 1990, “Revolutionary Syndicalism in Mexico,” van der Linden e Thorpe, (orgs.), *Revolutionary Syndicalism*, 192-98.

72 *Sweatshop* é um termo anglófono para designar fábricas e oficinas, notavelmente as de roupas, bastante precarizadas. Levam esse nome por, pela falta de ambiente adequado, literalmente virarem “saunas”, dada a quantidade de suor e vapor (*sweat*). (N.T.)

73 Van der Walt, “Anarchism and Syndicalism in South Africa,” 524-25, 589-91.

Muito do apelo do sindicalismo repousa precisamente em sua habilidade de responder às preocupações da classe trabalhadora. Aos trabalhadores sazonais que trabalhavam em vários empregos, o projeto que preconizava Um Grande Sindicato [One Big Union] era mais prático que do que o unionismo de categorias, os laços de lealdade com os empregadores eram mínimos e a ação direta era a melhor estratégia, dados os limitados períodos de emprego⁷⁴. Os trabalhadores da indústria pesada estavam enfrentando várias mudanças trazidas pela segunda revolução industrial dos fins do século XIX e início do XX, que incluíam o crescimento das linhas de montagem de produção em massa, a desqualificação dos trabalhadores qualificados, a mecanização, o crescente aumento dos trabalhadores semiquualificados e as técnicas de “administração científica” tayloristas⁷⁵. Essas mudanças criaram uma série de agravos, tais como intensificação, desqualificação, supervisão intensificada e crescente precarização, o que desencadeou um conjunto de lutas em torno da produção, ao mesmo tempo em que quebravam tradicionais divisões entre os trabalhadores. Isso também facilitou uma guinada rumo ao sindicalismo, mesmo quando a emergência de corporações gigantescas⁷⁶ favorecia poderosamente a criação de sindicatos gigantescos.

De 1909 a 1913, por exemplo, o IWW estadunidense liderou uma onda de greves entre os trabalhadores semiquualificados das “indústrias que estavam sendo racionalizadas pela administração científica e pela introdução de técnicas das novas linhas de montagem de massa,” incluindo as grandes fábricas de automóveis da Ford em Detroit⁷⁷. Os Wobblies⁷⁸ incorporaram uma massa de trabalhadores industriais não qualificados e semiquualificados – os quais eram ignorados pela American Federation of Labor (Federação Americana do Trabalho, AFL)⁷⁹, em função de seu unionismo de categorias e de suas práticas excludentes em termos étnicos e raciais – e revoltaram-se contra as práticas de administração científica, tais como pagamentos por eficiência, trabalho por peça, racionalização e aceleração das linhas de montagem. Era precisamente contra tais práticas que se direcionava a maior parte da defesa do IWW à “sabotagem” industrial⁸⁰.

Seria um erro reduzir a emergência do sindicalismo durante o período glorioso à mudança do processo de trabalho em conjunto com a crescente

74 Van der Linden e Thorpe, “The Rise and Fall,” 7-12.

75 Ibid., 7-12; Peterson, “The One Big Union,” 68-75.

76 Aqui se traduzindo de “*corporations*”, em sentido de “indústrias gigantescas”. (N.T.)

77 Davis, “The Stop Watch and the Wooden Shoe,” 86-87.

78 Termo que designava os membros do IWW.

79 Federação de sindicatos estadunidense criada em 1886. (N.T.)

80 Davis, “The Stop Watch and the Wooden Shoe,” 91-95.

concentração e centralização do capital em enormes fábricas, embora tais fatores tenham certamente desempenhado um importante papel. O sindicalismo também era atrativo num contexto de crescente radicalização popular, em parte expressado por uma onda de greves de massa internacional durante a década de 1910, que foi, talvez, apenas superada por aquela de 1968-1974⁸¹. Facilitada pelo aumento de grandes locais de trabalho e de enormes bairros da classe trabalhadora, esta radicalização foi reforçada por ideias sindicalistas e correspondeu ao crescente desencantamento com a burocracia e a moderação dos sindicatos ortodoxos e dos partidos trabalhistas, ganhando um novo impulso com o crescimento de categorias de trabalhadores suficientemente amplas e organizadas para deflagrarem greves gerais com êxito⁸². Nesse contexto, o sindicalismo “ofereceu uma poderosa [...] resposta” às “questões fundamentais da política socialista e democrática,” ao mesmo tempo em que apresentou uma alternativa radical⁸³.

Foi crucial à emergência do sindicalismo a existência de estruturas anarquistas e sindicalistas, com uma política clara e uma base classista, que tiveram condições de promover suas posições políticas. Grupos formais, baseados na necessidade do dualismo organizacional – grupos especificamente anarquistas ou sindicalistas que trabalhavam dentro e fora dos sindicatos – foram comuns: exemplos incluem a Aliança Internacional da Democracia Socialista dentro da FORE espanhola, e sua sucessora, a Federação Anarquista Ibérica (FAI, fundada em 1927), a Liga de Educação Sindicalista Industrial na Grã-Bretanha (fundada em 1910), a Liga Socialista Internacional na África do Sul (fundada em 1915), o grupo Luz/Lucha no México (fundado em 1912), a Sociedade dos Camaradas Anarcocomunistas (fundada em 1914 por Shifu / Liu Sifu, 1884-1915), a Liga Sindicalista da América do Norte (fundada em 1912). Mesmo os sindicalistas que vociferavam contra a necessidade da organização dualista frequentemente e na prática articularam tais estruturas, ainda que informalmente. Muitos sindicalistas franceses, por exemplo, adotaram a ideia de “minoría militante” para “propagar ideias revolucionárias, padronizar suas políticas, instigar movimentos de greve e organizar seus ataques a forças conservadoras nos sindicatos” e formaram “grupos, *noyaux*, dentro dos amplos sindicatos”⁸⁴.

81 Van der Linden e Thorpe, “The Rise and Fall,” 7-12; Peterson, “The One Big Union,” 68-75.

82 Van der Linden e Thorpe, “The Rise and Fall,” 7-12; Peterson, “The One Big Union,” 68-75.

83 D. Howell, 2000, “Taking Syndicalism Seriously,” *Socialist History*, 35-36.

84 E. C. Ford e W. Z. Foster, [1912] 1990, *Syndicalism*, Chicago: Charles H. Kerr, 44; P.S. Foner, 1965, *The Industrial Workers of the World, 1905-17*, New York: International Publishers, 417.

Ademais, como atesta a influência do sindicalismo em contextos como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos, este era um movimento perfeitamente capaz de operar nos países industrialmente mais avançados. Se o anarquismo e seu produto, o sindicalismo, emergiram no crescente movimento da classe trabalhadora representado pela Primeira Internacional, então, também é fato que a maioria das pessoas organizadas pela ampla tradição anarquista era de trabalhadores assalariados comuns.

Ao mesmo tempo, é válido ter em mente que a Espanha do século XX dificilmente era a “água estagnada” da economia ou o “rincão feudal da Europa” que as explicações para o não existente mistério da excepcionalidade espanhola sugerem⁸⁵. A economia espanhola cresceu massivamente da década de 1910 em diante, em particular como resultado da habilidade espanhola, como país neutro, para vender suprimentos a todas as forças beligerantes na Primeira Guerra Mundial; uma massiva expansão industrial ocorreu, enquanto as indústrias da segunda revolução industrial (metalurgias, indústrias de químicos e do setor de energia) eram estabelecidas em larga escala; Barcelona tornou-se uma das cidades com mais rápido crescimento na Europa⁸⁶. O rápido crescimento da CNT nesse período deu-se não no contexto das peculiaridades espanholas, mas das condições que eram bem similares àquelas que fomentaram o sindicalismo em outras regiões; portanto, não é surpreendente ver que a CNT organizou tanto as grandes fábricas como as pequenas companhias. Falando do caso espanhol, J. Romero Maura argumenta que o apelo da CNT foi obscurecido pela visão de que o anarcossindicalismo era uma doutrina irrealista e messiânica, inadequada para as condições industriais modernas. Ao contrário, sugere ele, foi a habilidade da CNT em mobilizar trabalhadores, principalmente industriais, em torno de reivindicações imediatas e de práticas militantes, bem como de objetivos revolucionários, que permitiu a existência da federação⁸⁷.

Essa habilidade de relacionar as preocupações dos trabalhadores ao objetivo final da revolução parece ser a receita necessária a qualquer movimento sindicalista exitoso; isso porque ele requer a habilidade de uma relação com a classe trabalhadora no aqui e agora. O dramático crescimento do sindicalismo em seu apogeu testemunha o fato de que ele não apenas recrutava membros entre a classe trabalhadora moderna, mas que o fez precisamente porque era um tipo efetivo e relevante de associativismo para os trabalhadores na agricultura, na indústria e no setor de serviços. Em função da centralidade

85 Kedward, *The Anarchists*, 5.

86 N. Rider, 1989, “The Practice of Direct Action: The Barcelona Rent Strike of 1931,” Goodway, (org), *For Anarchism*, 80-83.

87 Maura, “The Spanish Case”, 71-80.

da influência anarquista no sindicalismo, não faz qualquer sentido dizer que o anarquismo e o sindicalismo são, de algum modo, atávicos, condenados ou não proletários.

Por um lado, os trabalhadores qualificados tiveram um papel considerável no movimento sindicalista. Trabalhadores qualificados da metalurgia, por exemplo, eram críticos do sindicalismo britânico. Por outro, as estruturas das associações de categorias não eram sempre repudiadas; diferente do IWW e da CNT espanhola, por exemplo, a FORA argentina e a CGT francesa incluíam diversas associações de categoria. O que se destaca como algo impressionante é a habilidade que o sindicalismo teve para unir trabalhadores qualificados, semiqualificados e não qualificados, num movimento trabalhista unificado. O sindicalismo trouxe os trabalhadores qualificados, sempre que possível, para sindicatos mais gerais ou industriais⁸⁸, e ligou diferentes categorias e indústrias, assim como associações de categorias, gerais e industriais em estruturas territoriais como o IWW local ou as Bourses du Travail francesas⁸⁹. Isso significa que os “artesãos” [artisans] que se juntaram aos anarquistas e militantes do sindicalismo não eram artesãos [craftworkers] autônomos, mas assalariados qualificados. Foram eles que engrossaram as fileiras do sindicalismo; como movimento associativo, o sindicalismo oferecia pouco aos artesãos autônomos [craftworkers].

TRABALHADORES E CAMPONESES ANARQUISTAS NO CAMPO

A ampla tradição anarquista sublinhou enfaticamente a importância da união das classes populares tanto nas cidades quanto nos campos. Ademais, ela acreditou no potencial revolucionário do campesinato de um modo que não era feito pelo marxismo clássico, ao menos antes de Mao. Dois caminhos principais foram tomados nos campos: associativismo sindicalista entre os trabalhadores da agricultura, particularmente aqueles empregados em grandes propriedades e fazendas comerciais, mas também, algumas vezes, entre camponeses; e organização anarquista nos vilarejos. Dadas as diferentes condições das duas classes, as organizações anarquistas para trabalhadores e para

88 Na Espanha, o CNT organizou um único corpo sindical em cada local-de-trabalho, assim impondo “a militância da maioria dos trabalhadores não-qualificados sobre a aristocracia operária”; Maura, “The Spanish Case”, 75.

89 “A real importância da *Bourse*, contudo, repousa no senso de solidariedade que este estabelecia no distrito ao qual pertencia. Ele unia em ação comum trabalhadores de diferentes categorias, com diferentes interesses, que poderiam, de outra forma, permanecer divididos em seus vários *syndicates* [sindicatos]”; F.F. Ridley, 1970, *Revolutionary Syndicalism in France*, Cambridge University Press, 75. *A palavra “*syndicates*” foi mantida pelo autor, o colchete seguido desta também é original do autor, mas vinha com a palavra “*unions*” inserida dentro dele. (N.T.)

camponeses eram bastante diferentes⁹⁰.

Um exemplo inicial de sindicalismo rural ocorreu na Espanha com a FORE, que ganhou apoio massivo entre os *braceros*, os “sem-terra, proletários rurais” das grandes fazendas e das maiores propriedades, ou *latifúndios*⁹¹. A FORE era uma organização sindicalista precursora, mas não um movimento exclusivamente urbano. Ela contava com uma boa quantidade de trabalhadores industriais e artesãos, mas seu rápido crescimento iniciado a partir de 1872 foi, parcialmente, um reflexo de sua disseminação nas áreas rurais de Andaluzia e Catalunha⁹². A FORE teve diversas seções entre os agricultores a partir de 1870 e, em 1872, ajudou a fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais⁹³. Curiosamente, este recrutava não apenas trabalhadores do campo, mas também camponeses – os primeiros em torno da reivindicação de maiores salários e os segundos de menores valores de arrendamentos –, os quais devem ter composto entre um quarto e metade do total de membros da FORE. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais foi, mais tarde, retomado pela FTRE, seguindo uma abordagem similar, e foi notável em seu papel em unir os trabalhadores espanhóis e os portugueses migrantes contratados⁹⁴. A CNT espanhola foi menos bem sucedida que seus predecessores neste sentido; a maioria dos trabalhadores do campo e dos pequenos camponeses ingressou na UGT e não na CNT⁹⁵.

Na Itália, o Comitê Nacional de Resistência (CNR), predecessor da USI, encarou seu primeiro grande desafio em 1908, quando donos de terras articularam-se para destruir a Câmara do Trabalho de Parma, um baluarte sindicalista que organizava os trabalhadores do campo⁹⁶. Os sindicalistas responderam com uma greve geral de dois meses, mas perderam a batalha, que

90 Por exemplo, é um infortúnio que algumas fontes tratem os trabalhadores rurais e os camponeses como um único grupo; vejamos, por exemplo, M. Molnár e J. Pekmez, 1974, “Rural Anarchism in Spain and the 1873 Cantonalist Revolution”, H.A. Landsberger, (org.), *Rural Protest: Peasant Movements and Social Change*, Macmillan, 161.

91 M. Bookchin, 1977, *The Spanish Anarchists: The Heroic Years, 1868-1936*, Harper Colophon, 89-110.

92 Molnár e Pekmez, 1974, “Rural Anarchism in Spain,” 167.

93 Ibid., 172-84.

94 T. Kaplan, 1977, *Anarchists of Andalusia, 1868-1903*, Princeton University Press, 143-55.

95 Richards, *Lessons of the Spanish Revolution*, 52-53.

96 T.S. Sykes, 1976, “Revolutionary Syndicalism in the Italian Labour Movement: The Agrarian Strikes of 1907-1908 in the Province of Parma,” *International Review of Social History*, 21: 186-211.

foi vista pelos empregadores como a última grande batalha contra o sindicalismo⁹⁷. O IWW estadunidense organizou uma aliança multirracial de trabalhadores da madeira no Texas e em Louisiana⁹⁸. Em 1913, o IWW organizou uma greve com 20 mil trabalhadores de serralheria no noroeste do Pacífico⁹⁹. Sua Organização dos Trabalhadores Agrícolas, formada por volta de 1915 e sucedida pelo Sindicato Industrial dos Trabalhadores Agrícolas, contava com 50 mil membros em 1918, constituindo expressamente metade de todo o IWW¹⁰⁰. A CGT francesa organizava trabalhadores das fazendas e dos vinhedos da província de Aude, no sul, tendo impulsionado mais de 143 greves entre 1902 e 1914¹⁰¹. A CGT também montou um setor camponês em 1902.

No Peru, os anarquistas e os sindicalistas tentaram, com algum sucesso, organizar os trabalhadores rurais, particularmente os trabalhadores dos campos de algodão e açúcar em Chancay¹⁰². No início do século XX, os anarquistas cubanos começaram a se organizar na indústria açucareira¹⁰³. Em 1911, uma Central de Trabalhadores foi organizada em Cruces, uma central de produção açucareira, seguida pelo Congresso de Trabalhadores do Campo e Camponeses de Cruces, além de várias campanhas organizativas que se estenderam por esta década. Em 1924 e 1925, greves explodiram no setor, em parte organizadas pelo Sindicato Ferroviário Nortenho e apoiada pela CNOC. Anarquistas também foram centrais no Sindicato Geral do Trabalho de San Cristóbal, majoritariamente rural. Na Bolívia, os anarquistas influenciaram fortemente a Federação Departamental Agrária, que se organizava predominantemente entre trabalhadores do campo e camponeses indígenas, no início da década de 1930; antes disso, a organização era selvagemmente reprimida¹⁰⁴.

97 W. Thorpe, 1989, *The Workers Themselves: Revolutionary Syndicalism and International Labour 1913-23*, Kulwer Academic Publishers/ International Institute of Social History, 36-37.

98 Ver, por exemplo, J.R. Green, 1973, "The Brotherhood of Timber Workers, 1910-1913: A Radical Response to Industrial Capitalism in the Southern U.S.A.," *Past and Present*, 60: 161-200.

99 M. Dubofsky, 1987, *'Big Bill' Haywood*, Manchester University Press, 102.

100 *Ibid.*, 81, 95, 101.

101 L. Frader, 1985/6, "Socialists, Syndicalists, and the Peasant Question in the Aude," *Journal of Social History* 19 (3): 457-58.

102 Hirsch, "The Anarcho-Syndicalist Roots," 13, 15, 27, 30, 34, 47, 59, 169.

103 F. Fernandez, 2001, *Cuban Anarchism: The History of a Movement*, See Sharp Press, capítulo 2.

104 CNT, 1999, "The Libertarian Ideal in Bolivia," *Freedom: Anarchist Fortnightly*, 12 de Junho.

Mesmo que o anarquismo e o sindicalismo argentinos pareçam ter inicialmente ignorado o campo, eles “fizeram verdadeiras incursões no trabalho rural durante os inícios do século XX,” recrutando membros entre trabalhadores do campo e empregados das fábricas de empacotamento e processamento¹⁰⁵. Em 1920, a FORA-IX formou uma aliança com a Federação Agrária da Argentina, uma organização camponesa vinculada ao Partido Socialista dos Trabalhadores, e começou a sistematicamente organizar o campo, em alguns casos articulando pequenas revoltas locais e diversas greves de longa duração. Em 1922, um pacto de unidade sindical firmado na Patagônia radicalizou-se para uma greve geral regional, que rapidamente se transformou numa série de convulsões em fazendas e vilarejos. A rebelião patagônica foi brutalmente esmagada, tendo como resultado entre 500 e 1000 trabalhadores mortos¹⁰⁶.

Houve tentativas anarquistas e sindicalistas sistemáticas e continuadas de mobilizar o campesinato, mas isso usualmente não resultou em movimentos de massa camponeses; a militância tendeu a restringir-se a algo local, quase sempre um tanto informal, e algumas vezes bastante isolado. Houve, claro, muitas iniciativas importantes. Na China, por exemplo, os anarquistas enfatizaram a centralidade do campesinato e tentaram organizar vilarejos modelo e milícias rurais, com sucesso variado. No Japão, a Zenkoku Jiren incitou um movimento unificado de operários e camponeses, e uma seção dos “anarquistas puros” formou a Jovem Associação de Vilarejos Agrícolas (Noson Seinen Sha); ambos se defrontaram com um sucesso limitado¹⁰⁷.

Os anarquistas foram também ativos em dramáticas, ainda que curtas, lutas camponesas. Um caso em questão foi o dos violentos protestos camponeses gregos nas regiões do Peloponeso e de Tesaly, de 1895 em diante. Os camponeses, majoritariamente trabalhadores dos vinhedos, organizaram repetidas manifestações (muitas delas armadas); vários vilarejos foram ocupados. A hostilidade camponesa era diretamente contra os prestamistas, os coletores de impostos e as grandes companhias mercantis. Os anarquistas de Patras, agrupados em torno do jornal *Epi ta Proso* [Indo Adiante], trabalharam ativamente nos vilarejos, assim como os anarquistas de Pyrgos, organizados em torno do jornal *Neo Fos* [Nova Luz]. Nenhuma organização camponesa anarquista emergiu, contudo, e muito da energia acabou canalizada em apelos por proteção tarifária. Os camponeses, majoritariamente pro-

105 R.A. Yoast, 1975, “The Development of Argentine Anarchism: A Socio-ideological Analysis,” PhD diss., University of Wisconsin-Madison, 226-30.

106 Ibid., 229.

107 Crump, *Hatta Shuzo and Pure Anarchism*, 62-63, 78-79, 91-92, 104-05, 112-23, 141-51, 157, 159-60, 172-80.

dutores de uvas secas, a principal colheita de exportação do país, e a indústria estavam arruinados pela entrada de competidores maiores no mercado e pela imposição de tarifas por parte da França¹⁰⁸.

Contudo, apesar de inúmeros esforços, organizações ou movimentos camponeses anarquistas de massa foram pouco usuais: os casos mais importantes foram os da Macedônia, da Manchúria, do México, da Espanha e da Ucrânia. No México, houve uma longa história de levantes camponeses muito sérios liderados por anarquistas, que datam das décadas de 1860 e 1870. O primeiro foi a sublevação de Julio Chávez López entre 1867 e 1869. Filho de camponeses pobres, Chávez López foi educado no anarquismo por militantes como Zalacosta e Rhodokanaty. Ele organizou uma milícia camponesa em Chalco, Puebla e Texaco, que atacou fazendas antes de ser suprimida¹⁰⁹. Ela foi seguida pela revolta camponesa de Zalacosta em 1878, e pelo levante, que teve influência anarquista, do general Miguel Negrete (ativamente auxiliado por Chávez López e Zalacosta) entre 1879 e 1881¹¹⁰. Em 1911, o Partido Liberal Mexicano (PLM) comprometeu-se com um projeto similar, organizando uma revolta armada no estado de Baja California. O PLM já havia tentado organizar sublevações em 1906 e 1908. A revolta de 1911 – inicialmente planejada por Praxedis G. Guerrero, que foi morto um ano antes de seu início, e auxiliada por um destacamento do IWW estadunidense – intentava estabelecer uma zona do PLM sob princípios anarquistas¹¹¹. Guerrero, rebento de uma abastada família latifundiária e educado à moda clássica, juntou-se ao movimento revolucionário, trabalhou na indústria e organizou sindicatos, morrendo aos 28 anos.

A revolução anarquista ucraniana de 1917-1920, associada a figuras como Nestor Makhno, foi majoritariamente estruturada por camponeses, embora contasse com uma substantiva presença de operários, a qual não pode ser negligenciada. Na Espanha, a influência anarquista entre o campesinato, como dito, remonta aos tempos da Primeira Internacional, e o campesinato foi uma das grandes forças da Revolução Espanhola.

108 A. L. Olmstead, P. W. Rhode e J. Morilla Critz, 1999, “‘Horn of Plenty’: The Globalisation of Mediterranean Horticulture and the Economic Development of Southern Europe, 1880-1930,” *Journal of Economic History* 59 (2): 316-18, 325-29, 337-38.

109 J. Hart, 1978, *Anarchism and the Mexican Working Class, 1860-1931*, Texas University Press, 32-42.

110 *Ibid.*, 70-71, 81-82.

111 *Ibid.*, 100-3; C.M. MacLachlan, 1991, *Anarchism and the Mexican Revolution: The Political Trials of Ricardo Flores Magón in the United States*, University of California Press, 32-47. Sobre Guerrero, ver também W. S. Albro, 1996, *To Die on Your Feet: The Life, Times, and Writings of Praxedis G. Guerrero*, Texas Christian University Press.

A revolução anarquista na Coreia / Manchúria (1929-1931) foi também primordialmente um fenômeno camponês. A Coreia, já crescentemente sujeita ao controle japonês nos fins do século XIX, foi formalmente anexada em 1910. Influenciadas pelo anarquismo chinês e japonês, as correntes anarquistas emergiram e o movimento desempenhou um papel importante na massiva sublevação de 1919 contra a ocupação japonesa, chamado Movimento do 1º de Março. Ele foi seguido por uma onda de atividades e protestos radicais e anticoloniais, incluindo o estabelecimento de um governo coreano provisório em Shanghai, na China, e pela formação, em 1919, do Bando dos Heróis (Uiyoltan), por parte de anarquistas e nacionalistas. Foi nesse período que o anarquismo realmente tornou-se uma força social na Coreia. O Uiyoltan foi influenciado pelo anarquista Yu Cha-myong (1891-1985), sua “liderança teórica,” bem como por Shin Chae’Ho¹¹². Esta iniciativa foi seguida por uma série de grupos anarquistas, incluindo a Federação Anarquista Coreana (KAF)¹¹³. A KAF também estabeleceu seções na China (a KAF-C) e na Manchúria (KAF-M) em 1929; surgiu também a Federação Anarcocomunista Coreana (KACF) neste mesmo ano.

Muitas das atividades dos anarquistas coreanos ocorreram fora da Coreia peninsular, particularmente na China e em Manchúria – esta última tinha mais de um milhão de coreanos no início da década de 1930¹¹⁴. Na Coreia, após um breve período de liberalização no início da década de 1920, a esquerda e os nacionalistas de linha dura eram pesadamente reprimidos, e as tentativas de lançar um Partido Comunista Coreano (KCP) dentro do país, para tomar um exemplo, rapidamente colapsaram. Uma das consequências parece ter sido que a esquerda desempenhou, no melhor dos casos, um papel limitado nos movimentos camponeses e de pequenos ofícios na própria Coreia¹¹⁵. Mesmo os nacionalistas moderados encontraram dificuldades para operar abertamente, especialmente após o estabelecimento de uma ditadura semifascista no Japão em 1931. O significado da Manchúria para a resistência coreana não é surpreendente, também, porque a demarcação da fronteira era pouco clara e contestada; uma importante corrente do pensamento coreano, que incluía Shin (antes de ele tornar-se anarquista), considerava Manchúria

112 Seo Dong-shin, 2007, “Korean Anarchists Pursuing Third Way,” *Korea Times*, 26 de Janeiro.

113 Organização coreana formada na década de 1920. (N.T.)

114 A. Buzo, 2002, *The Making of Modern Korea*, Routledge, 36.

115 Ver, inter alia, Youn-tae Chung, 2001, “The Spread of Peasant Movement and Changes in the Tenant Policy in the 1920’s Colonial Korea,” *International Journal of Korean History*, 2; Gi-Wook Shin, 1996, *Peasant Protest and Social Change in Colonial Korea*, University of Washington Press.

parte de uma Coreia Maior¹¹⁶. As condições de agitação e a guerra na China e na Manchúria criaram o espaço para a oposição radical que faltava à Coreia, e vale mencionar que o anarquismo coreano parece ter sido primariamente um movimento baseado em coreanos emigrados.

A partir dos fins da década de 1920, o KCP era ativo principalmente na Manchúria, onde se dividia em grupos de guerrilha que lutavam independentemente ou em unidades coreanas das forças do Partido Comunista Chinês (CCP); um veterano notável do último grupo era Kom Il-Sung, mais tarde ditador da Coreia do Norte¹¹⁷. Outra força armada importante foi o Exército Independente da Coreia (KIA), que era ligado ao governo provisório exilado coreano. Um dos primeiros sucessos do KIA foi a derrota de uma brigada do exército imperial japonês na Manchúria em outubro de 1920, durante a batalha de Ch'ing-Shan (Ch'uongsan-ri). A principal figura no KIA era o simpatizante anarquista Kim Jao-jin (Kim Jwa-Jin ou Kim Chua-chin, 1889-1930), algumas vezes chamado o “Makhno coreano”. Nascido de uma abastada família em Hongseong County, província de Chungcheong, na Coreia, ele rompeu com seu passado quando, contando 18 anos, libertou os escravos da família e mais tarde lançou-se na luta pela independência.

Os anarquistas estavam envolvidos na administração da província de Kirin no sudeste de Manchúria, uma área efetivamente sob controle do KIA a partir de 1925. Neste ano, com a cobertura de Kim Jao-jin, os anarquistas da KAF-M e da KACF, notavelmente Yu Rim (1894-1961), estabeleceram a Associação do Povo Coreano na Manchúria, também conhecida como Liga Geral dos Coreanos (Hanjok Chongryong Haphoi). Era uma estrutura de conselhos baseada em delegados, similar às estruturas dos soviets da revolução ucraniana. A associação fornecia educação, serviços sociais e defesa militar, e também promovia cooperativas camponesas. A revolução de Kirin foi atacada por forças japonesas, o CCP e o KCP, e também por autoridades chinesas, pressionados pelo Japão. Kim Jao-Jin foi assassinado em 1930 enquanto consertava um moinho de arroz construído pela KAF-M, e as invasões e os assassinatos devastaram as forças anarquistas. Em meados de 1932, Kirin foi invadida e o movimento anarquista levado à ilegalidade, tendo de exilar-se no norte ou na China.

Um exame dos grandes movimentos camponeses anarquistas revela diversas características cruciais de sua emergência. Esses movimentos camponeses anarquistas de massa emergiram tipicamente em condições de aguda

116 Ver A. Schmid, 1997, “Rediscovering Manchuria: Sin Ch'aeho and the Politics of Territorial History in Korea,” *Journal of Asia Studies*, 56 (1): 26-46; H. H. Em, 1999, “Nationalism, Post-Nationalism, and Shin Ch'ae Ho,” *Korea Journal*, 39 (2): 295.

117 Buzo, *The Making of Modern Korea*, 45-47.

instabilidade e conflito sociais. Fora de situações revolucionárias, organizações ou movimentos camponeses anarquistas de massa prolongados têm sido mais exceção do que regra. Sob estas condições, contudo, o anarquismo camponês articulou-se para formar organizações de massa que pudessem rivalizar com estruturas como os partidos agrários “populistas” ou os partidos camponeses da Europa Oriental nos fins do século XIX e no século XX; mas, diferente destes partidos, os anarquistas não buscaram se sustentar em tempos de paz social. Os movimentos de massa anarquistas discutidos aqui desenvolveram-se paralelamente às sublevações populares com um caráter resolutamente anti-imperialista (Coreia e Ucrânia) ou em situações de guerra de classes (México e Espanha).

Em condições de agitação e sublevação bastante difundidas, os movimentos de massa camponeses em que os anarquistas eram centrais podiam emergir com incrível rapidez, organizando conselhos de vilarejos e sovietes, assim como milícias camponesas. Geralmente assumindo proporções e formas insurrecionais, a sobrevivência de tais movimentos camponeses anarquistas foi moldada, acima de tudo, pela habilidade destes em mobilizar forças armadas. Em parte, esse caráter insurrecional estava ligado à natureza de classe dos camponeses. Trabalhadores assalariados estão envolvidos em ciclos de produção razoavelmente curtos, e aptos a interromper a produção com efeitos dramáticos e rápidos. Camponeses podem recusar-se a vender sua produção, atrasar as colheitas e boicotar arrendamentos e impostos, mas o ciclo de produção é definido pelas estações, e uma interrupção da produção corre o risco de ocasionar uma perda catastrófica de culturas e rendimentos. Os partidos camponeses da Europa Oriental eram parcialmente capazes de se sustentar concentrando-se na política eleitoral¹¹⁸. Os anarquistas camponeses lutavam para construir movimentos por meio da ação direta continuada, exceto em períodos revolucionários, quando a ordem social cambaleava e os possíveis ganhos de uma revolta aberta pareciam dramaticamente prevalecer sobre os prováveis custos de uma derrota.

Um exame mais próximo dos maiores movimentos camponeses anarquistas que foram aqui identificados ajuda-nos a entender as condições sob as quais estes movimentos floresceram. Um fator crítico na emergência do movimento camponês anarquista de massa foi o rompimento com as relações agrárias feudais e semif feudais, na medida em que o capitalismo penetrava no campo, e a produção era reestruturada em caminhos que conduziam ao lucro e à produção de mercadorias. Por um lado, esta situação criou um crescente volume de camponeses empobrecidos que lutavam para ter seu

118 G. D. Jackson, 1974, “Peasant Political Movements in Eastern Europe,” H. A. Landsberger, (org.), *Rural Protest*, 271, 283-309.

sustento; por outro, sistemas de compromisso feudais e semif feudais, nos quais se esperava que grandes latifundiários proovessem alguma medida de caridade e apoio aos pobres, acabaram.

No México, a emergência do anarquismo camponês no século XIX estava “profundamente enraizada” na história da “polarização de terras,” que colocou “vilarejos empobrecidos,” quase todos indígenas, contra “as grades fazendas,” as grandes propriedades ou latifúndios¹¹⁹. Em meados do século XIX, “contratos livres e vendas em mercado aberto” estavam substituindo os sistemas tradicionais de direitos e compromissos, enquanto a ascensão da agricultura comercial orientada à exportação intensificava o crescimento das grandes terras e das fazendas comerciais possuídas pela burguesia, ameaçando comunidades vilarejas. Massivas transferências de terra – algumas vezes pelo mercado, algumas vezes pela fraude e algumas vezes pela força – ocorreram, e os aldeões camponeses lutaram desesperadamente para evitar serem rebaixados ao proletariado rural. A centralização de terras combinada com o crescimento populacional camponês criou imensas tensões. Foi “dentro deste meio social de grandes propriedades omnipresentes e de crescimento da população empobrecida e desterrada do campo que o tumulto agrário se desenvolveu”¹²⁰.

Nos inícios do século XX, a Ucrânia colonial era a mais rica região agrícola do império russo, contando com 40% da terra cultivada¹²¹. Em 1914, este país produzia em torno de 20% do trigo do mundo; enquanto “um terço das importações de trigo da Europa Ocidental vinham do império russo,” “quase 90% das exportações do império” vinham da Ucrânia¹²². Da década de 1880 em diante, a agricultura na Ucrânia foi crescentemente comercializada, e outras culturas agrícolas comerciais produzidas na região incluíam álcool destilado, açúcar e tabaco. A agricultura comercial era incentivada pelo Estado, que provia empréstimos e posse de terras reformadas, e a terra foi crescentemente concentrada nas mãos dos fazendeiros comerciais emergentes [kulaks] e dos capitalistas rurais. “Embora os camponeses mais pobres possuíssem 57% das fazendas na Ucrânia, eles ocupavam apenas 12% das terras,” e “um camponês a cada seis não tinha terra alguma”¹²³. A província

119 Hart, “Revolutionary Syndicalism in Mexico,” 13-15, 35-37, 61-63, 85-87.

120 Ibid., 13-15, 35-37, 61-63, 85-87; ver também J.D. Cockcroft, 1968, *Mexico: Class Formation, Capital Accumulation, and the State*, Monthly Review Press, capítulo 3.

121 C.M. Darch, 1994, “The Makhnovschina, 1917-1921: Ideology, Nationalism, and Peasant Insurgency in Early Twentieth Century Ukraine,” PhD diss., University of Bradford, 136.

122 Ibid., 136, 138-39.

123 Ibid., 141.

de Ekaterinoslav, a principal localidade do movimento Makhnovista, era caracterizada por grandes propriedades, crescimento da classe capitalista e dos *kulaks*, e por condições “extremadamente duras” para muitos camponeses¹²⁴. Isso, em grande medida, explica a longa história de rebeliões camponesas violentas naquela região.

Antes da ocupação japonesa, a polarização rural já era acentuada na Coreia feudal, que contava com numerosas revoltas camponesas. O crescente comércio com o Japão e o desenvolvimento endógeno da agricultura coreana proveram alguns aspectos contextuais do levante camponês de Donghak [Aprendizado oriental] em 1894¹²⁵. Sob a ocupação japonesa, as áreas rurais foram crescentemente utilizadas para gerar receitas fiscais, os sistemas de posse de terra foram reformados e várias manobras oficiais levadas a cabo para modernizar a agricultura; um nível de cultivo destinado à venda [cash-cropping] forçada foi executado e o campo foi crescentemente comercializado, na medida em que atraía investimentos da elite coreana e do um número crescente de fazendeiros japoneses¹²⁶. Arrendamentos, quase sempre pagos em arroz, subiram acentuadamente, proprietários de terras intervinham cada vez mais na produção e custos com tributação (agora calculada por terra, não mais por colheita) eram frequentemente repassados aos arrendatários. Milhões de pessoas emigraram para o Japão e para a Manchúria¹²⁷/ Como resultado da repressão, da pobreza ou da conscrição trabalhista, em 1945, quase 4 milhões de coreanos, em torno de 16% da população, estavam trabalhando no exterior para o império japonês¹²⁸.

Na Espanha, o anarquismo fincou profundas raízes nas vilas camponesas de Andalusia e no levante na década de 1870 sob o contexto de “sublevação social crônica” no campo. Em tempos anteriores, o acesso às terras comunais ajudou a compensar a falta de terras, assim como “as pretensões aristocráticas e o paternalismo da nobreza tradicional”. Na década de 1860, contudo, tanto a Igreja quanto as “terras herdadas”, que eram “a maioria mantida comunalmente por aldeões e pela municipalidade”, foram vendidas, perturbando “o equilíbrio tradicional entre as classes dominantes e oprimidas na região”. Compromissos tradicionais estavam crescentemente sendo

124 Ibid., 146-48.

125 Ha Ki Rak, 1986, *A History of Korean Anarchist Movement*, Taegu, South Korea: Anarchist Publishing Committee, 10-18.

126 Chung, “The Spread of Peasant Movement,” 160-62; Buzo, *The Making of Modern Korea*, 19-21, 26-27.

127 Ha, *A History of Korean Anarchist*, 33-34; ver também Chung, “The Spread of Peasant Movement,” 160-62.

128 Buzo, *The Making of Modern Korea*, 38.

suspensos pelos *ethos* de uma “burguesia gananciosa”¹²⁹.

Dado o contexto de reestruturação e polarização, não é surpreendente que o programa agrário anarquista, com seu destaque à redistribuição fundiária e à criação de um autogoverno aldeão democrático, tivesse um poderoso apelo à maioria dos camponeses. As revoltas camponesas anarquistas no México envolveram milhares de camponeses; testemunho disso era a política da terra-arrasada na supressão da revolta de Chávez López. Com a primeira fase da Revolução Ucraniana em 1917, a quantidade de terras sob controle dos camponeses cresceu nitidamente de 56% para 96% do total, administradas pelo corpo aldeão tradicional, o *mir* ou a comuna¹³⁰. Em Kirin, o veterano anarquista coreano Ha Ki Rak (1912-1997) relembra que a proposta para uma Associação do Povo Coreano na Manchúria encontrou “calorosas boas-vindas” das populações locais em toda parte¹³¹. Nem é também surpreendente que no mínimo 2 mil coletivos rurais auto-organizados tenham se formado durante a Revolução Espanhola, com mais de 15 milhões de acres de terra tendo sido expropriados entre julho de 1936 e janeiro de 1938, e com entre 7 e 8 milhões de pessoas direta e indiretamente afetadas pela coletivização, nos quase 60% de terras espanholas afetadas por este processo¹³².

Contudo mudanças estruturais na sociedade rural não podem prover uma explicação adequada dos movimentos camponeses anarquistas de massa. Revoltas camponesas têm sido um aspecto recorrente da história moderna, e apenas em alguns momentos elas estão entrelaçadas com o anarquismo. Muitos camponeses buscavam a salvação em movimentos conservadores, que buscavam recriar uma ordem feudal idealizada. Por exemplo, na Espanha, o campesinato empobrecido das províncias nortenhas agrupava-se sob as bandeiras dos monarquistas “Carlistas” conservadores; na Europa Oriental, camponeses forneceram apoio massivo a movimentos fascistas como a Guarda de Ferro [Iron Guard] na Romênia. Além disso, revoltas camponesas tipicamente careciam dos projetos sistemáticos de reconstrução social empreendidos na Ucrânia nos fins da década de 1910, na Coreia/Manchúria nos fins da década de 1920 e na Espanha nos fins da década de 1930.

Dois outros fatores são cruciais. O primeiro é a existência de uma camada dos militantes anarquistas estabelecida dentro do campesinato, apta a promover seu socialismo libertário e revolucionário, e a mobilizar e reunir o campesinato. Tais camadas desenvolveram-se a partir do trabalho anarquista

129 Bookchin, *The Spanish Anarchists*, 92-104; ver também Molnár e Pekmez, “Rural Anarchism in Spain,” 168-71.

130 Darch, “The Makhnovischna,” 149.

131 Ha, *A History of Korean Anarchist*, 82.

132 Breitbart, “Spanish Anarchism”, 60.

realizado entre os camponeses. A segunda importante questão para transformar a frustração e o descontentamento camponeses em ação revolucionária é o aparecimento de um período de sublevação e instabilidade. Onde estes dois elementos eram combinados, os resultados podiam ser explosivos. Este foi o contexto no qual figuras ligadas ao anarquismo como Chávez López, Zalacosta, Makhno, Kim Jong-jin (?-1931) da KAF-M, Kim Jwa-Jin destacaram-se. Levantes camponeses poderiam ter acontecido de qualquer forma; no entanto, sem os anarquistas, a história destes movimentos camponeses teria sido bastante diferente; uma onda massiva de confisco de terras camponesas varreu o império russo em 1917, mas foi na Ucrânia que uma importante revolução anarquista ocorreu.

Transformações agrárias estáveis e contínuas parecem nunca ter sido suficientes para ser o estopim da revolta camponesa de massas anarquista; uma mudança súbita era vital. Lutas por terra no México e na Espanha, por exemplo, haviam sido contínuas durante o século XIX, mas grande parte deste período contava com apelações legais e com esporádicos surtos de violência, e quase sempre um clima de fatalismo e aceitação passiva prevalecia. Da mesma forma, a comercialização agrícola estava espalhada na Ucrânia na década de 1880 e, ainda assim, a maior revolta camponesa anarquista só ocorreu quase 40 anos mais tarde. A “maioria dos aldeões” na Espanha “nunca estavam ativamente ocupados com o movimento anarquista [...] e, em tempos comuns, eles ocupavam-se com seus negócios diários com bem pouco interesse nos princípios anarquistas”. Era apenas em tempos de “aflição” ou “esperança” que os aldeões hispânicos podiam ser “despertados para a ação” *de massas* na esteira dos núcleos anarquistas¹³³. Na Espanha, finalmente, a tentativa do golpe de Franco contribuiu com a revolução de 1936.

Algumas vezes o estopim era uma disputa local. A revolta de Chávez López no México, por exemplo, teve lugar após uma grave disputa de terras entre uma única vila e uma fazenda [hacienda]. Algumas vezes uma súbita mudança na economia era a faísca. As revoltas camponesas gregas de 1895 seguiram-se diretamente após o rápido declínio do preço da mais importante cultura, as uvas-passas, que levou ao desemprego em massa de trabalhadores e à ampla execução hipotecária de fazendas. Algumas vezes uma revolta camponesa emergia de condições de guerra e invasão. A economia da Rússia e da Ucrânia colapsou como resultado direto da Primeira Guerra Mundial, e famílias camponesas foram prejudicadas com a conscrição de milhões de homens ao exército. A produção caiu, assim como as exportações, a inflação subiu, e os camponeses sofreram, além disso, com as requisições do governo por produtos pecuários e pelas depredações realizadas pelas forças invaso-

133 Bookchin, *The Spanish Anarchists*, 91-92.

ras¹³⁴. Isso ajudou a gerar um clima de radicalização entre o campesinato, que respondeu entusiasticamente à Makhno e aos anarquistas em 1917. A transferência subsequente da Ucrânia às forças germânicas pelo Tratado de Brest-Litovsk, seguida pela invasão do reacionário Exército Branco e dos nacionalistas, mais as forçadas demandas do “Comunismo de Guerra” bolchevique, ajudaram a manter o ímpeto da luta camponesa de massas.

O caso da Coreia/Manchúria deve ser situado no amplo contexto da guerra e da instabilidade do leste asiático nas décadas de 1910 a 1940. O Movimento 1º de Março de 1919 inaugurou um período de agitação de massas, frequentemente violento – a resistência armada pioneira dos anos 1910 havia sido impiedosamente esmagada, mas, naquele momento, novos grupos como Uiyoltan travavam uma luta armada e a KIA e outras forças emergiam –, ao passo que a aceleração do expansionismo japonês e a guerra civil na China fortaleciam as condições de instabilidade. Isso também abriu um período de lutas camponesas de larga escala na própria Coreia, quase sempre centradas em greves de arrendatários em torno dos arrendamentos, da segurança dos arrendamentos e das taxas¹³⁵. Isso se desenvolveu nos sindicatos “camponeses vermelhos” dos inícios da década de 1930¹³⁶. A pronunciada queda no preço do arroz nos fins da década de 1920, somada aos custos crescentes, contribuiu diretamente com um aumento das lutas camponesas¹³⁷. Juntamente com a crescente repressão na Coreia, estes desenvolvimentos, sem dúvida, contribuíram para o apelo do projeto da Associação do Povo Coreano na Manchúria entre a considerável população coreana emigrante.

OS ANARQUISTAS E A INTELLIGENTSIA

Até aqui, enfatizei o caráter do anarquismo e do sindicalismo históricos como um movimento da classe trabalhadora e do campesinato. Não há dúvida que muitos dos principais militantes e ideólogos do anarquismo e do sindicalismo tiveram algum tipo de educação superior¹³⁸ ou foram recrutados entre a *intelligentsia* da classe média (ou mesmo da dissidência da classe dominante): Bakunin, Ervin Batthyány (1877-1945) da Hungria, John Creagh (1841-1920) na Argentina e na Grã-Bretanha, Guillaume, De Leon, Galleani, Guerrero, Hatta, Ito, Kropotkin, Flores Mágon, Malatesta, Michel, Osugi, Reclus, Shifu, Shin e Zalacosta, bem como Pietro Gori (1865-1911) na Itália, Fábio Luz e Neno Vasco (1878-1920) no Brasil, Juan Francisco Moncaleano

134 Darch, “The Makhnovischna,” 154.

135 Chung, “The Spread of Peasant Movement,” 162-68.

136 Ver, em particular, Shin, *Peasant Protest*.

137 Buzo, *The Making of Modern Korea*, 13-14.

138 No sentido de educação para além dos níveis elementares, “*tertiary education*”. (N.T.)

na Colômbia e no México, González Prada no Peru e Thibedi e S. P. Bunting (1873-1936) na África do Sul.

Nesse aspecto, a ampla tradição anarquista não foi (e não é) muito diferente de outras correntes da esquerda radical. Não obstante, isso não diminui o aspecto básico de que a ampla tradição anarquista foi, historicamente, fundamentalmente um movimento da classe trabalhadora e do campesinato, e que muitos de seus grandes militantes foram oriundos das classes populares, incluindo grandiosas figuras como Arshinov, Berkman, Connolly, Durruti, Foster, Goldman, Infantes, Makhno, Mann, Speras e Peirats. E, independentemente de sua origem de classe, a maioria das lideranças anarquistas e sindicalistas teve vidas de privação e morreu antes de sua hora: exilados, encarcerados, executados, em barricadas ou prostrados pelas doenças da pobreza excruciante.

Ainda que o anarquismo nunca tenha tido uma presença significativa entre os intelectuais tradicionais e nas universidades, se comparado, por exemplo, ao marxismo, deve-se dizer que houve períodos em que sua influência nestes campos foi notável. Na Europa, por exemplo, grandes figuras anarquistas como Kropotkin, um russo que se exilou principalmente na Grã-Bretanha, e Reclus, na França, foram internacionalmente reconhecidos como acadêmicos – Kropotkin foi, inclusive, apontado como “uma das primeiras celebridades internacionais e modernas do mundo”¹³⁹. Seu trabalho acadêmico, ainda que relativamente negligenciado, continua a chamar a atenção¹⁴⁰. O anarquismo teve, também, certa presença nas grandes correntes das ciências sociais, tendo sido criticado por Karl Marx, defendido por Max Weber e, surpreendentemente, exercido influência em Emile Durkheim¹⁴¹.

Olhando globalmente, é claro que na Ásia, na África e na América Latina, assim como na Europa Oriental, o anarquismo e o sindicalismo atraíram notavelmente acadêmicos e escritores. Dentre eles, é possível citar figuras como: Isabelo de los Reyes (Filipinas), João Dos Santos Albasini (Moçambique), Har Dayal (Índia), Manuel González Prada (Peru), Li Pei Kan (Ba Jin) (China), Salama Musa (Egito), Shibli Shumayyil (sírio) e Shin (Coreia);

139 L.A. Dugatkin, 2011, “The Prince of Evolution: Peter Kropotkin’s Adventures in Science and Politics,” *Scientific American Online*, 13 de Setembro.

140 S. Jones, 2007, *Coral: A Pessimist in Paradise*, Little, Brown and Company; S.J. Gould, 1997, “Kropotkin Was No Crackpot,” *Natural History*, 106: 12-21; J. O. Berkland, 1979, “Elisée Reclus: Neglected Geologic Pioneer and First(?) Continental Drift Advocate,” *Geology*, 7 (4): 189-192.

141 C. Levy, 1999, “Max Weber, Anarchism and Libertarian Culture,” S. Whimster, (org), *Max Weber and the Culture of Anarchy*, Macmillan; J. Prager, 1981, “Moral Integration and Political Inclusion: A Comparison of Durkheim’s and Weber’s Theories of Democracy,” *Social Forces*, 59 (4): 918-950.

Cai Yuanpei, chanceler da Universidade de Beijing a partir de 1917, era anarquista¹⁴². Da Europa Oriental, podemos mencionar importantes pensadores como Ervin Szabó da Hungria¹⁴³.

Shin, por exemplo, continua a ser amplamente conhecido “tanto por sua militância política quanto por suas contribuições historiográficas,” dentre as quais se encontram as obras pioneiras da história nacionalista coreana¹⁴⁴, ainda que narrativas posteriores tenham minimizado o papel do anarquismo pelo qual ele morreu numa prisão japonesa; isso constitui parte de uma “amnésia histórica,” “que diz respeito ao apelo do anarquismo para os coreanos”.¹⁴⁵ Isso também se passou com Albasini, que não era anarquista, mas que foi influenciado pelo anarquismo, e que foi o mais destacado intelectual de Lourenço Marques, em Moçambique, no início do século XX – um membro da pequena elite *assimilada* de africanos negros¹⁴⁶.

INFLUÊNCIAS DIFUSAS: ANARQUISMO, SINDICALISMO E MOVIMENTOS “SINCRÉTICOS”

Por fim, também é válido mencionar que as ideias anarquistas e sindicalistas penetraram em movimentos que não eram, estritamente falando, anarquistas ou sindicalistas. Por exemplo, os países que hoje compreendem Bangladesh, Índia e Paquistão eram, até 1947, uma única gigantesca colônia, a Índia Britânica. Uma grande diáspora indiana ocorreu globalmente, envolvendo a África e a América, e contou com correntes revolucionárias. Migrantes operários e marinheiros foram grandes canais de ideias radicais¹⁴⁷. O radical e anticolonial Partido Ghadar foi fundado nos Estados Unidos em 1913: havia quase 10 mil sul asiáticos na América do Norte naquele momen-

142 J.M. Allen, 1999, “History, Nation, People: Past and Present in the Writing of Sin Ch’ae-ho,” PhD diss., University of Washington; B. Anderson, 2006, *Under Three Flags: Anarchism and the Anti-Colonial Imagination*, Verso; E.C. Brown, 1975, *Har Dayal: Hindu Revolutionary and Rationalist*, University of Arizona Press; Dirlik, *Anarchism in the Chinese Revolution*, 156-57, 172-3; Em, “Nationalism, Post-Nationalism and Shin”; J.M. Penvenne, 1996, “João Dos Santos Albasini (1876-1922): The Contradictions of Politics and Identity in Colonial Mozambique,” *Journal of African History*, 37 (3): 428, 443, 458.

143 For example, S. Goldberger, 1985, “Ervin Szabó, Anarcho-sindicalism and Democratic Revolution in Turn-of-the-Century Hungary,” PhD diss., Columbia University.

144 Allen, 1999, “History, Nation, People,” 4.

145 Allen, 1999, “History, Nation, People,” 263-64.

146 Penvenne, 1996, “João Dos Santos Albasini,” 428, 443-44, 449-51, 458.

147 J. Hyslop, 2009, “Steamship Empire: Asian, African and British Sailors in the Merchant Marine c.1880-1945,” *Journal of Asian and African Studies*, 44 (1): 49-67.

to¹⁴⁸. Em seu jornal, *The Ghadar*, “declaração de guerra” do partido, ele convocava “bravos e abnegados guerreiros que possam promover a revolta”¹⁴⁹:

Salário: morte;

Recompensa: martírio;

Pensão: liberdade;

Campo de batalha: Hindustão [Índia]...

Este agrupamento operou em muitos países do mundo e suas principais conexões na Índia eram na região de Punjab. O movimento Ghadar buscava não somente a independência do Império Britânico, mas uma Índia radicalmente transformada, sem divisões de classes ou comunais¹⁵⁰. Ele via a luta indiana como parte de uma luta anti-imperialista mundial, que era parte de uma luta mais ampla contra o capitalismo e outras formas de opressão.

Nestes aspectos, ele foi profundamente influenciado pelo anarquismo e pelo sindicalismo, especialmente do IWW: uma figura central foi um militante que viveu na América, Har Dayal, “o primeiro e decisivo teórico e propagandista”¹⁵¹, fundador do partido e editor de *The Ghadar*. Ele foi secretário do IWW de San Francisco a partir de 1911 e fundador, em 1912, do Instituto Bakunin na Califórnia. Ele defendeu o “estabelecimento do comunismo, a abolição da propriedade privada da terra e do capital por meio da organização industrial e da greve geral” (ou seja, por meio do sindicalismo), o “estabelecimento de uma cooperação fraterna e livre e a última abolição da organização coercitiva do governo,” “a abolição do patriotismo e dos sentimentos raciais” e das “instituições baseadas na escravidão das mulheres”¹⁵². Em 1915, o Partido Ghadar promoveu um levante armado na Índia, que fracassou e foi esmagado. Ele sobreviveu durante os anos 1940 de várias formas, inclusive por meio do *Kirti Kisan Lehar* (o Partido dos Operários e Camponeses, fundado em 1928). O Partido Ghadar não era uma estrutura puramente anarquista: outras influências centrais foram o nacionalismo indiano, o siquismo e, a partir dos anos 1920, o marxismo¹⁵³. Entretanto, sua

148 M. Ramnath, 2011, *Haj to Utopia: How the Ghadar Movement Charted Global Radicalism and Attempted to Overthrow the British Empire*, University of California Press.

149 Ramnath, *From Haj to Utopia*, 1.

150 Ramnath, *From Haj to Utopia*, 41, 52-53, 60, 62-69, 120, 134-35, 155-56, 162-65; B. Singh, 2011, “The Anti-British Movements from Gadar Lehar to Kirti Kisan Lehar, 1913-1939,” PhD diss., Punjabi University, capítulo 6.

151 Ramnath, *From Haj to Utopia*, 8; Brown, *Har Dayal*.

152 Citado em M. Ramnath, 2012, *Decolonising Anarchism: An Antiauthoritarian History of India's Liberation Struggle*, AK Press, 94-95.

153 Ramnath, *From Haj to Utopia*, 12.

política não pode ser compreendida sem um entendimento da marca nele deixada pelo anarquismo.

O ICU, formado em 1919 em Cape Town, na África do Sul, entre os estivadores africanos e de cor, constitui um importante exemplo. Ele não apenas espalhou-se rapidamente pela África do Sul em 1920, chegando a, talvez, 100 mil membros, mas se tornou um movimento transnacional na África Austral. Em 1920, uma seção foi formada nas proximidades do sudoeste da África (atual Namíbia), seguida por seções na Rodésia do Sul (atual Zimbábue) em 1927 e na Rodésia do Norte (atual Zâmbia) em 1931. Embora tenha começado como uma associação urbana, o ICU conseguiu uma crescente parte de seu apoio, em particular na África do Sul e na Rodésia do Sul, de trabalhadores africanos do campo e de agricultores arrendatários, que sofriam duros golpes com os cercamentos de terras para fazendeiros comerciais brancos¹⁵⁴. Com isso, os dois maiores ICUs tornaram-se um dos mais importantes movimentos rurais de seu tempo.

O ICU, encabeçado pelo carismático Clements Kadalie (1896-1954), foi notavelmente influenciado pelo sindicalismo ao estilo do IWW¹⁵⁵, assim como o ICU Yase Rodésia no Zimbábue e suas grandes figuras, como Masotsha Ndhlovu. Ele tinha como objetivo, em 1920, “formar um grande sindicato de trabalhadores qualificados e não qualificados da África do Sul, sul de Zmavesi”¹⁵⁶, “para unir todas as classes de trabalhadores, qualificados e não qualificados, em todas as esferas da vida, quaisquer que sejam eles”¹⁵⁷. Em 1921, o ICU incorporou a seção da Cidade do Cabo da organização sindicalista Trabalhadores Industriais da África e, em 1925, adotou uma versão do *Prêâmbulo* do IWW de Chicago¹⁵⁸:

Visto que o interesse dos trabalhadores e aquele dos patrões são opostos um ao outro [...], sempre haverá luta pela divisão dos produtos do trabalho humano, até que os trabalhadores, por meio de sua organização industrial, tomem da classe capitalista os meios de produção, que devem ser possuídos e controlados pelos trabalhadores para o benefício de todos, e não para o lucro de poucos. Sob tal sistema, aquele que não trabalha não deve, também, comer [...]. Este é o objetivo que o ICU pretende atingir, juntamente com todos os outros trabalhadores organizados ao redor do mundo...

154 Ver Van der Walt, “One Great Union.”

155 Van der Walt, “Anarchism and Syndicalism in South Africa,” capítulos 8 e 9.

156 Adição do próprio autor ao corpo do excerto. (N.T.)

157 Citado em P. L. Wickens, 1973, “The Industrial and Commercial Workers’ Union of Africa,” PhD diss., University of Cape Town, 145-46.

158 “Revised Constitution of the ICU,” *From Protest to Challenge: A Documentary History of African Politics in South Africa, 1882-1964*, volume I, 325-26.

Embora o ICU tenha definitivamente sido influenciado por ideias, imagens e pelo anticapitalismo sindicalistas, e mesmo que preconizasse uma greve geral que deveria devolver as terras de domínio branco às comunidades africanas, seria um exagero descrevê-lo como uma organização verdadeiramente sindicalista. Sua estrutura era vaga, diversas vezes antidemocrática, e suas lideranças eram em muitos casos estranhas ao restante dos membros. Isso contribuiu com o dramático colapso do movimento na África do Sul, que reivindicava ter mais de 100 mil membros em 1927 e que terminou reduzido a pequenos grupos locais no início dos anos 1930 – ainda que tenha continuado a ser uma importante força no Zimbábue até os anos 1950. Mesmo que importante, sua ideologia era eclética e instável, montada não apenas sobre o sindicalismo, mas também sobre o cristianismo, o liberalismo, o marxismo e o pan-africanismo de Marcus Garvey. Mas, ainda assim, o ICU não pode ser propriamente explicado sem que seu impulso sindicalista seja reconhecido.

Ainda que o PLM tenha ajudado a iniciar a Revolução Mexicana (1910-1920) com o seu levante na Baixa Califórnia, seu impacto na revolução, se ela for considerada de maneira mais ampla, foi limitado. Várias forças opostas surgiram, dentre elas a dos constitucionalistas de Venustiano Carranza, aquela de Francisco (Pancho) Villa e as milícias de Zapata, que surgiram em 1910 reivindicando uma reforma agrária radical. Os grupos do PLM continuaram ativos e a COM, que era sindicalista, manobrou com as diferentes facções, aliando-se controversamente aos constitucionalistas contra os zapatistas em 1915.

O Exército Libertador do Sul zapatista teve Morelos sob controle, uma província que havia passado por uma enorme mudança com a expansão do cultivo comercial de açúcar. Zapata era simpático ao PLM e alguns aspectos do pensamento zapatista vieram do anarquismo. Antonio Díaz Soto y Gama (1880-1967), veterano do PLM e fundador da COM, foi um importante zapatista. Parte do “agrarismo” zapatista era “essencialmente trabalho dele”¹⁵⁹. O “agrarismo” zapatista também incorporou influências anarquistas dos primeiros levantes mexicanos¹⁶⁰.

O movimento de Sandino na Nicarágua constituiu outro exemplo. Sandino é hoje um ícone do anti-imperialismo nicaraguense, e mais particularmente do nacionalismo radical. Mas ele não é, de modo algum, um nacionalista puro e simples. Criado na Nicarágua, Sandino trabalhou primeiro em Honduras como mecânico, depois como trabalhador rural na United Fruit na Guatemala; começou a trabalhar em 1923 como almoxarife e mecânico

159 J. Womack, 1970, *Zapata and the Mexican Revolution*, Vintage, 194.

160 Hart, *Anarchism and the Mexican Working Class*, 72-73.

no porto petrolífero mexicano de Tampico, um bastião do IWW e da CGT do México. Sandino “combinou princípios patrióticos e anti-imperialistas, dirigindo-os majoritariamente contra a intervenção estadunidense na Nicarágua e com uma grande preocupação pelo conjunto das classes camponesa e operária latino-americanas”¹⁶¹.

Suas forças tremulavam a bandeira vermelha e negra, associada ao anarquismo mexicano e espanhol, e sua política incorporava uma “marca peculiar de anarcocomunismo” e um “comunismo anarquista radical,” enraizado nas ideias de Proudhon e Flores Magón¹⁶². Esta tendência misturava-se com ideias nacionalistas e religiosas.¹⁶³ Sua “educação política, realizada na ideologia sindicalista, também conhecida por anarcossindicalismo, socialismo libertário ou comunismo racional,” foi sempre “enquadrada no orgulho étnico tão característico da revolução mexicana e nesta nova geração de latino-americanos”¹⁶⁴. Como Kadalie, Sandino é um exemplo do quão longe as ideias anarquistas chegaram e do quão amplo seu apelo podia ser.

Ocupada pelas tropas estadunidenses desde 1909, a Nicarágua foi lugar de numerosas revoltas lideradas pelos liberais modernizadores. Tendo retornado em 1926, Sandino estava consternado, quando os liberais estabeleceram um acordo em 1927, que garantia às forças estadunidenses inúmeros direitos políticos e militares. Sandino foi primordial ao reunir uma força guerrilheira, o EDSNN¹⁶⁵, que começou atacando as guarnições do exército, e estabeleceu uma base de operações da região de Las Segovias. Ele liderou a mais duradoura revolta anti-imperialista do país, que foi de 1927 a 1933. Em 1932, as tropas estadunidenses foram retiradas e o EDSNN chegou a um acordo de paz com o novo governo nicaraguense. Este exército foi amplamente desmobilizado, mas à sua região no país, na província de Jinotega, foi garantido um status de autônoma; ali, Sandino estabeleceu inúmeros co-

161 R. E. Conrad, 1990, “Translators’ Introduction,” S. Ramírez e R. E. Conrad, (orgs.), *Sandino: The Testimony of a Nicaraguan Patriot, 1921-1934*, Princeton University Press, 17n39.

162 D. Hodges, 1986, *Intellectual Foundations of the Nicaraguan Revolution*, University of Texas Press, 19, 49, 137.

163 R. E. Conrad tem debatido a extensão na qual o anarquismo influenciou Sandino, argumentando a ausência de referências explícitas a figuras-chave do anarquismo nos escritos de Sandino. A ausência de tais nomes não, contudo, demonstra que as ideias anarquistas não tiveram impacto no pensamento de Sandino; compare em Conrad, “Translators’ Introduction”, 17n39.

164 A. Bendana, 1995, “A Sandinista Commemoration of the Sandino Centennial: Speech Given on the 61 Anniversary of the Death of General Sandino,” Managua: Centre for International Studies.

165 Fundado em 1927. (N.T.)

letivos. A Guarda Nacional assassinou Sandino em 1934, e a zona autônoma, que tinha similaridades com a Morelos que era administrada pelos zapatistas, foi destruída nos três anos seguintes. O programa anti-imperialista de Sandino, somado à sua experimentação com a redistribuição de terras e às cooperativas camponesas nos estágios iniciais da guerra, e seguido por seu projeto Las Segovias, assegurou-lhe apoio das massas¹⁶⁶.

EM CONCLUSÃO: LUTA DE CLASSES, BASE E PODER DE CLASSE

Argumentei neste capítulo que duas formas principais de movimentos de massa emergiram da ampla tradição anarquista: organizações sindicalistas e movimentos anarquistas camponeses. Revoltas ou movimentos camponeses anarquistas de massas – contrariamente à visão de que o anarquismo era primordialmente “pequeno-burguês” ou de que o campesinato tinha uma afinidade natural com o anarquismo – foram, na verdade, realmente raros. Primordialmente, a mais importante e influente forma de organização de massas da ampla tradição anarquista foi o associativismo sindicalista, que dominou os movimentos trabalhistas na Argentina, no Brasil, no Chile, em Cuba, na França, no México, nos Países Baixos, no Peru, em Portugal, na Espanha e no Uruguai, em diferentes momentos. Contrariamente à tese da excepcionalidade espanhola, o anarquismo e o sindicalismo tornaram-se “um grande movimento social,” que podia “ameaçar o Estado,” em diversos países¹⁶⁷. Mesmo as correntes sindicalistas minoritárias (tais como aquelas na Alemanha, na Grã-Bretanha, no Japão, na Itália e nos Estados Unidos) converteram-se em forças sociais perigosas; mesmo os movimentos menores (por exemplo, na África do Sul) desempenharam papéis destacados.

A organização rural conformou uma parte crucial do sindicalismo – o sindicalismo rural provavelmente mobilizou mais pessoas no campo que o anarquismo camponês – mas os centros da força sindicalista estavam, em geral, nas áreas urbanas. Isso se deu, provavelmente, em função da concentração da classe trabalhadora em locais de trabalho e bairros; os campos não são normalmente fáceis de organizar. O grande baluarte do poder sindicalista e anarquista eram, assim, os centros industriais urbanos. Se Barcelona foi a “rosa flamejante” do anarquismo, esta deveria ser vista como uma de várias importantes cidades vermelhas e negras, que incluem entre suas representantes bastiões como: Buenos Aires, Chicago, Havana, Lima, Lisboa, Montevideu, Cidade do México, Rio de Janeiro e São Paulo, as quais são seguidas por um segundo grupo de cidades, em que os anarquistas e sindicalistas não eram necessariamente majoritários, mas que eram, ainda assim, relevantes; dentre

166 Bendana, “A Sandinista Commemoration”.

167 Marshall, *Demanding the Impossible*, 453.

elas, podemos incluir: Cantão, Glasgow, Hamburgo, Hunan, Johannesburgo, Santiago, Shanghai e Tóquio.

A ampla tradição anarquista deve ser historicizada e não tratada como um tipo de fenômeno universal. O material discutido neste capítulo dá suporte a esta perspectiva. Esta tradição surgiu e tornou-se uma poderosa força social em momentos sociais e históricos particulares. Ela não foi o produto de um impulso universal da natureza humana, de “uma luta sem fim” ou de uma “profunda necessidade humana”¹⁶⁸; mas floresceu no capitalismo moderno do período da Primeira Internacional, e desenvolveu um caráter de massas em conjunturas históricas e lutas de classe específicas. Movimentos camponeses anarquistas de massa emergiram sob circunstâncias particulares também – a penetração capitalista no campo, a quebra das antigas relações agrárias, crises e guerra, e a existência de estruturas anarquistas – e foi central às revoluções anarquistas na Ucrânia, na Manchúria e na Espanha. Do mesmo modo, o sindicalismo extraiu muito de sua força de sua habilidade em dar respostas às necessidades da classe trabalhadora moderna em períodos específicos.

A visão de que o anarquismo estava à margem dos principais eventos e era simplesmente uma atração das minorias constitui uma concepção equivocada da história das lutas trabalhistas e da esquerda. Ao contrário, é simplesmente impossível entender adequadamente grande parte da história e da política dos movimentos revolucionários, de esquerda, da classe trabalhadora e do campesinato, sem levar o anarquismo e o sindicalismo a sério.

168 Marshall, *Demanding the Impossible*, xiv, 3-4.